

GIGANTES EM CENA

WOLE SOYINKA

TRADUÇÃO E POSFÁCIO
ROSA BRANCA FIGUEIREDO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Gigantes em Cena mostra um quadro estático no qual os “gigantes” do título, Kamini, Gunema, Kasko e Tuboum – representações levemente disfarçadas de Idi Amin Macias Nguema, Jean-Bedel Bokassa e Mobutu Sese Seko, respetivamente – se apresentam como constituintes dos produtos pós-coloniais das superpotências do ocidente. Kamini, por exemplo, é colocado no poder pelos britânicos, financiado pelos americanos, militarmente armado pelos soviéticos e, no final, abandonado por todos, quando os serviços de um ditador insano já não lhes é conveniente. *Gigantes em Cena* constitui, deste modo, uma fantasia surreal de justiça poética internacional em que os sistemas de apoio económico e político dos governos ocidentais respondem, a seu tempo e bel-prazer, de forma catastrófica, aos monstros que eles próprios criaram e sobre os quais, conseqüentemente, perderam o controlo.

Nesta peça, Soyinka consegue reunir num só local todos os infames ditadores de África. O Secretário-Geral das Nações Unidas e dois delegados, da Rússia e dos Estados Unidos da América, constituem as outras personalidades que dão o carácter internacional a *Gigantes em Cena*. O pretexto para tal encontro é uma reunião das Nações Unidas. À medida que a peça se desenrola, assistimos ao papel que as superpotências desempenham na sustentação dos ditadores no poder e, simultaneamente, à verdadeira natureza destes ditadores africanos – as suas confusões, perversões sexuais, os conceitos errados que têm do poder e respetivas complexidades.

GIGANTES EM CENA

WOLE SOYINKA

TRADUÇÃO E POSFÁCIO
ROSA BRANCA FIGUEIREDO

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

coleção dramaturgia

A coleção DRAMATURGIA dedica-se à escrita para teatro, acolhendo clássicos, modernos e contemporâneos, autores consagrados e emergentes, com atenção especial dedicada aos processos de transformação da escrita de palco. A coleção apresenta no espaço da língua portuguesa uma proposta editorial de referência no domínio do teatro, propondo edições criteriosas e acompanhadas de aparato crítico.

DIRETOR MAIN EDITOR

Fernando Matos Oliveira UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DIRETORES ADJUNTOS ASSOCIATE EDITORS

Alexandra Moreira da Silva UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE - PARIS 3

Rui Pina Coelho UNIVERSIDADE DE LISBOA

CONSELHO EDITORIAL EDITORIAL BOARD

Ana Isabel Vasconcelos UNIVERSIDADE ABERTA

Christine Zurbach UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Francisco Frazão TEATRRO BAIRO ALTO

José Augusto Cardoso Bernardes UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Da Costa UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

João Maria André UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Luiz Fernando Ramos UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Manuel F Vieites ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA

Maria de Fátima Sousa e Silva UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maria João Brillhante UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marie-Amélie Robilliard MAISON ANTOINE VITEZ - PARIS

Marta Teixeira Anacleto UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Pedro Eiras UNIVERSIDADE DO PORTO

GIGANTES ⁵ EM CENA

POSFÁCIO ¹⁴⁵

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COORDENAÇÃO EDITORIAL
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
E-MAIL imprensa@uc.pt
URL www.uc.pt/imprensa_uc
VENDAS ON LINE livrariadaimprensa.uc.pt

CONCEÇÃO GRÁFICA
Imprensa da Universidade de Coimbra

TRADUÇÃO E POSÉCIO
Rosa Branca Figueiredo

APOIO EDITORIAL E REVISÃO
Cláudia Morais

PAGINAÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
www.artipol.net

ISBN
978-989-26-1997-2

ISBN DIGITAL
978-989-26-1998-9

DOI
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1998-9>

GIGANTES
EM
CENA

(Página deixada propositadamente em branco)

Dedicado a Byron Kadadwa

(Página deixada propositadamente em branco)

SOBRE OS HERÓIS DOS NOSSOS TEMPOS

Algumas notas pessoais

Não se pretende fazer, aqui, qualquer esforço sério no sentido de esconder as identidades dos atores da vida real que serviram como modelos para a peça *Gigantes em Cena*. Eles são nada mais, nada menos, do que o Presidente vitalício Macias Nguema (já falecido) da Guiné Equatorial; o (ex-)Imperador vitalício Jean-Baptiste Bokassa da República da África Central; o Presidente vitalício Mobutu Sese Seko, etc., do Congo Kinshasa; e, o herói dos heróis, na pessoa do (ex-)Presidente vitalício Marechal El-Haji Dr. Idi Amin do Uganda, DSc, DSO, VC, etc. e tal, que ainda sonha, de acordo com os últimos relatórios, em ser chamado novamente para salvar o Uganda.

É óbvio que nenhuma peça deveria sequer tentar conter tal galeria de “Super-Homens”. Por isso, passo

a culpa por tal ato de *hybris* a Jean Genet (*The Balcony*) que sugeriu a ideia; isto é, deu a forma que poderá, eventualmente, tentar a proeza. Naturalmente, absolvo Genet das imperfeições na execução.

Ao contrário de muitos comentadores sobre poder e política, não sei como os monstros se constroem, só sei que eles existem, desafiando tempo, lugar e pontífices. De acordo com os últimos, as nossas ações mais grotescas são o produto de histórias socioeconômicas específicas. No entanto, ainda ninguém explicou de forma satisfatória porque é que condições socioeconômicas idênticas (e experiências coloniais semelhantes) produziram, por um lado, um Julius Nyerere e, por outro, um Idi Amin. O que nos é dado a observar (para além dos seus mecanismos para chegar ao poder) é como estas figuras conseguiram manter-se entrincheiradas no poder muito depois de serem inequivocamente expostos pelo que são. Para usar um exemplo, Mobutu deveria ter recebido o seu *coup de grace* pelo menos há umas décadas pelos resolutos interesses dos poderes ocidentais – Bélgica, França e Alemanha ocidental.

Porém, tal identificação clara de interesses não se aplica quando chegamos a uma figura como Idi Amin. Este atestado psicopata foi mantido no poder durante

vários períodos por grupos de interesse e ideologias tão variadas como as da Grã-Bretanha (que o colocou no poder), dos Estados Unidos, da União Soviética, da Organização de Unidade Africana, de Cuba, da Líbia, da Organização para a Libertação da Palestina (PLO) e de Israel, para além do apoio claro que lhe foi concedido pelos líderes dos serviços secretos do continente africano e pelas fações políticas negras dos Estados Unidos.

É inegável que uma genuína ignorância seja responsável por parte deste fenómeno. Enquanto Secretário-Geral da União de Escritores dos Povos Africanos e editor de um jornal, cujos órgãos foram mobilizados para confrontar a tirania do regime de Amin, tive oportunidade de engajar, em primeira mão, políticos, intelectuais e mesmo Chefes de Estado, num esforço para denunciar a verdade sobre o Uganda sob o comando de Idi Amin. A minha experiência, na maioria dos casos, foi que essa ignorância era voluntária, não fortuita. O tom, os vários disfarces dessa “ignorância” confirmaram uma antiga suspeita, de que o poder clama pelo poder, de que a brutalidade do poder (a sua manifestação mais estridente) evoca uma ânsia conspiratória pelo

fenómeno do “sucesso” que é transversal a todas as ocupações humanas. Esta pode ser uma das muitas constatações, que explicam a razão pela qual alguns dos homens mais brilhantes das ciências e das humanidades submetem as suas capacidades e inteligência ao serviço da manutenção do poder, mesmo nas suas manifestações mais brutais e exorbitantes (Hitler e Estaline são exemplos evidentes). Deste modo, mais facilmente se percebe porque é que muitos dos nossos colegas, incluindo os de Esquerda, acharam possível racionalizar e aplaudir as barbaridades mais cruéis de Idi Amin – o seu “sucesso” é refletido e consumado no sucesso colossal que o poder de Amin simbolizava, mesmo nos seus muitos excessos!

Pinochet, Galtieri, Pol Pot (que tentou fazer-nos acreditar que tinha mudado e calçado as botas do patriotismo), d’Aubuisson e os seus esquadrões da morte de Direita, todos se empenharam arduamente na legitimação última das suas propensões inatas... Todos foram mestres na arte do “desaparecimento”, cuja magnitude servia inversamente para ampliar a própria presença. Sim, nós sabemos o que está em jogo, por que se luta. O *puzzle* que persiste é, na verdade, a razão pela qual uns, mas não outros, apreciam

(ou melhor, se deleitam com) a condição do poder, a razão pela qual certos indivíduos preferiam presidir a uma necrópole do que simplesmente não presidir; ou, como o macaco na lenda, alguns preferiam agarrar-se ao poder pelo lado estreito da cabaça do que abrir a mão e salvarem-se a si próprios.

O poder, tal como sugerimos, clama pelo poder e o poder delegado (ou seja, aquele apreciado pela impotente classe política) responde com servilismo a quem realmente manda. Aparte a autoidentificação com o sucesso, há também um amor confessado (um amor-próprio na sua essência) que é perverso, idêntico ao “amor” da jovem escrava pelo seu amo. Muitas vezes, ao ouvir as justificações deste grupo, sinto que estou a ouvir uma jovem escrava no harém, desculpando os últimos sadismos perpetrados, exagerando os dispersos momentos de generosidade, esquecendo que mesmo as exceções à regra só enfatizam a relação escrava entre ela e o amo. Os nossos amigos reconheciam ter encontrado em Idi Amin a figura de um nacionalista incompreendido, um revolucionário e até um génio da economia – além disso, ele tinha escorraçado as sanguessugas asiáticas; não tinham, afinal, sempre contado com ele para lançar insultos hilariantes contra

um ou outro chefe imperialista de uma superpotência e seus líderes clientes no continente? E assim a Organização da Unidade Africana permaneceu surda a todas as objeções e prosseguiu, honrando-o com o cargo de presidente (uma honra, mais tarde negada ao coronel Ghadafi, outrora seu protetor). Essa ironia não terá passado despercebida aos sobreviventes do reino de terror de Amin, mas duvido que se tenham vertido muitas lágrimas sobre a injustiça.

Em termos humanos, o que aconteceu no Uganda foi o seguinte: a nação perdeu a sua “nata” de profissionais, a sua elite produtiva. Isso já não é negado, a lamentável lista dos notáveis “desaparecidos” já não é controversa nem posta em causa, exceto pelos cegos e surdos. Mas o Uganda também perdeu dezenas de milhares de produtores, trabalhadores e camponeses anónimos que foram macabramente destruídos por esse terror estúpido; o desastre económico atual ainda faz parte do Uganda, a par da instabilidade política. O horror permanente da existência quotidiana está ainda mais firme, bem como a brutalização das sensibilidades normais visíveis na conduta da resistência em curso contra a governação de Milton Obote e no padrão de repressão governamental sobre setores da

população. Com efeito, o que estamos aqui a afirmar é que quanto mais tempo as pessoas são submetidas à brutalidade do poder, mais longo é o processo de recuperação e de humanização.

Byron Kadadwa, a quem esta peça é dedicada, é um exemplo representativo dos muitos milhares cujo contributo para a nação onde nasceram foi brutalmente interrompido por Idi Amin. Kadadwa conduziu a sua trupe teatral ao Festival de Artes Africanas (FESTAC) na Nigéria, em 1977. Pouco depois do seu regresso a Kampala, foi preso – por razões insignificantes, arrastado dos ensaios pelo notável Gabinete Estatal de Investigação e, mais tarde, encontrado morto. O seu sucessor, Dan Kintu, teve um destino semelhante, juntamente com o dramaturgo John Male. Os familiares tiveram de pagar subornos substanciais à polícia para que os corpos fossem libertados para o funeral. Será necessário acrescentar uma nota de rodapé dizendo que, depois deste tipo de aviso, a trupe teatral fugiu para países vizinhos?

Porque se diz que as “razões” para a prisão de Byron Kadadwa eram insignificantes? Não importavam as razões pelas quais qualquer um dos milhares de desaparecidos chegassem sequer ao

conhecimento de Idi Amin? Apenas porque essa era a realidade, confirmada pelos próprios Ugandenses, inclusive por um dos mais notáveis sobreviventes, o falecido Robert Serumaga. Robert era, no início, um dos mais fervorosos apoiantes de Idi Amin. Não será exagero dizer que ele prosperou, de facto, sob o seu regime. Pouco depois de Amin ter usurpado o poder, encontrámo-nos numa capital europeia onde conversámos num café até quase de madrugada, e onde fui bombardeado por argumentos (com base em folhetos do Ministério da Informação) a favor do Golpe de Estado. Eu estava igualmente irredutível na minha visão negativa que, por sua vez, se baseava no meu conhecimento da história de Idi Amin enquanto assassino a sangue-frio, e na minha parcialidade (de então) em relação a Milton Obote, que parecia abraçar o credo socialista antes do golpe. A fé de Serumaga em Idi Amin apoiava-se na sua avaliação genuína das qualidades de liderança que via nele e no que pensou ser uma diminuição nos constrangimentos à liberdade individual imposta por Obote. Os “excessos” que, mesmo na altura, ganhavam publicidade, eram descritos por Serumaga como acidentes infelizes que o próprio Amin deplorava e dos quais se arrependia. Atribuiu as culpas aos insubordinados demasiado entusiastas.

Robert Serumaga era, na altura, membro do conselho editorial da revista *Ch'Indaba* (anteriormente, *Transition*) cuja direção eu acabara de assumir. Convencido daquilo que Serumaga se recusava a aceitar, tomei precauções no sentido de o retirar do conselho editorial e de lhe enviar uma carta formal informando-o disso. Citei as suas afirmações afogueadas de apoio a Idi Amin, dizendo que as mesmas eram incompatíveis com a posição editorial de *Ch'Indaba* e desejei-lhe sorte.

O meu encontro seguinte com Serumaga ocorreu dois anos depois em Victoria Station, em Inglaterra, onde se tinha deslocado para se despedir da sua companhia teatral que regressava a casa via Aeroporto de Gatwick. Acabavam de chegar de uma turné pela União Soviética. Proferi imediatamente a desculpa que havia ensaiado para o momento em que nos encontrássemos de novo, explicando a brusquidão da minha carta a demiti-lo do conselho editorial, como sendo uma segurança para a sua própria vida que eu sabia estar em perigo, mais cedo ou mais tarde, como todas as outras. Robert interrompeu-me, confirmando o pior.

Robert estava convencido de que a carta lhe salvara a vida. Depois de a mesma ter sido intercetada, chamaram-no para que explicasse o seu conteúdo e

foi ouvido, primeiro pelo chefe de segurança de Amin e depois pelo próprio Amin. O nosso herói até o tentara persuadir a recuperar a sua posição no conselho editorial da revista, no sentido de poder manter-se informado (e quiçá ter algum controlo) sobre as nossas atividades que, segundo o chefe de segurança do Gana, já teriam despertado a atenção de Idi Amin (este enviara um protesto através do seu Embaixador contra o uso do Gana pela União como sede de atividades subversivas contra o seu governo). Serumaga terá afirmado: “Eu pedi para ficar, mas o senhor leia o que está na carta. O homem pôs-me fora, não pedi simplesmente a minha resignação, fui corrido a pontapé”. O incidente assegurou que Serumaga permanecesse nas boas graças de Amin durante um bom tempo, comparado com outros que nem sequer pertenceram ao conselho editorial da revista ou participaram nas suas atividades. Mas, inevitavelmente, até o próprio Robert percebeu que tinha os dias contados. Despediu-se da sua companhia, mas ficou para trás para procurar um apartamento em Londres. Voltou ao Uganda numa visita rápida para resgatar a sua mulher, família e dependentes diretos, exilando-se depois em Inglaterra. A explicação dada para esta

decisão relutante foi simples, mas arrepiante; nunca consegui esquecer as suas palavras exatas:

“No princípio”, disse ele, “sabias mais ou menos o que fazer e o que evitar se querias permanecer vivo. Sabias quando falar, quando ficar calado, o que dizer e o que não dizer. Agora já não há regras. O que te salvou ontem pode significar a tua pena de morte hoje. Não tenho mais amigos nem colegas. Estão todos mortos ou fugiram. Mas, a maioria, mortos”.

Robert Serumaga juntou-se mais tarde ao movimento de libertação contra Idi Amin e, a partir da Tanzânia, foi reportando os acontecimentos via rádio. Os intelectuais de que falávamos começaram por levantar os assuntos académicos sobre o papel do exército da Tanzânia nessa guerra. Eles tinham considerado os anteriores bombardeamentos de Idi Amin e a incursão em território da Tanzânia como uma gabarolice reproduzida e publicitada na habitual cacofonia “Aminiana”. Mas agora a Tanzânia mobilizava-se, contra-atacava, e os mesmos que haviam aplaudido as anteriores invasões, de repente recorriam a argumentos de “território nacional”, “interferência externa”, etc., e o motivado exército da Tanzânia afastou Amin em tempo recorde.

Robert Serumaga morreu de doença. Teve, pelo menos, a satisfação de participar num fim bem-sucedido contra uma ditadura repelente. Caso ele ainda estivesse vivo hoje, não sei se consideraria o Uganda um país realmente livre – essa é uma questão que eu espero poder ser tratada, um dia, por um dramaturgo Ugandense. Por agora... (*Entra a charanga, o diretor do circo, as tribunas, os arcos e os trampolins.*) “Senhoras e senhores, apresentamos... uma parada de homens maravilhosa... (*Estalidos de chicote.*) gigantes, anões, *zombies*, os incríveis antropófagos, o original género *survivanticus* (vivo e de boa saúde, desafiando todas as explicações científicas)... Senhoras e senhores...”.

Wole Soyinka, 1984

Personagens

Benefacio Gunema

Imperador Kasco

Marechal Kamini

General Barra Tuboum

Gudrum, uma jornalista escandinava

Presidente do Banco Central de Bugara

Escultor

Embaixadora de Bugara

Presidente da Câmara de Hyacombe

Professor Batey

Delegados russos

Delegados americanos

Forças Especiais

Guardas

Secretário-Geral das Nações Unidas

A ação situa-se na Embaixada de Bugara junto às Nações Unidas, em Nova Iorque. O tempo da ação é uns anos antes do presente.

(Página deixada propositadamente em branco)

Primeira parte

Três figuras sentadas em pesadas cadeiras-trono no cimo de uma ampla e imponente escadaria em pedra. Por trás, em forma de arco, uma galeria cheia de retratos emoldurados, o que constitui o balcão do andar superior, de janelas com vista para um parque, em frente ao qual se vislumbra a silhueta de um arranha-céus, o edifício das Nações Unidas.

O corrimão da varanda é opulento, banhado a ouro. Uma das figuras, um homem corpulento (KAMINI), este um uniforme militar com a lapela cravada de medalhas. De um dos lados, uma criatura comparativamente franzina (KASCO), que parece ser uma paródia deliberada do homem corpulento. O seu uniforme é igual, assim como as medalhas que carrega. Acresce, no entanto, o uso de uma capa em roxo imperial. Do outro lado da figura central, encontra-se um homem alto e magro (GUNEMA) num fato de corte impecável. Os seus adereços consistem simplesmente numa faixa vermelha e numa roseta, à qual se junta uma medalha.

GUDRUM, uma mulher do tipo nórdico, robusta e corada, de aspeto repulsivo, está sentada a meio da

escadaria, olhando idolatradamente para KAMINI. De vez em quando, inspeciona com o olhar o trabalho em curso do ESCULTOR.

O andar inferior representa um átrio transformado em estúdio. Um ESCULTOR esculpe uma escultura de tamanho real dos três “homens coroados”, com os quais não se percebe qualquer semelhança. Quando qualquer uma das três figuras fala, fá-lo de forma rígida, num esforço para não comprometer a sua pose. O primeiro quadro é apresentado em silêncio, sendo que o ESCULTOR vai colocando ou raspando pasta de cimento aqui e ali.

GUNEMA — Ah, *el poder, amigos*. Para dizer a verdade, estes subversivos *guerrilleros* não procuram de facto liderar, não, nem administrar um lugar, nem governar um *pueblo*, *compreendo?* Não, na verdade procuram só o poder, simplesmente o poder.

KASCO — Mas isso é óbvio, não? Não é a ambição pela responsabilidade que transforma os homens socialmente desajustados em guerrilheiros. Se pensares primeiro na responsabilidade da governação, desistes da busca pelo poder. A cobiça pelo poder, *oui*. Mas a ambição pela responsabilidade, nunca ouvi falar.

GUNEMA — Ah, mas ainda não acabei. Para além de *la responsabilidad*, para além da política fica – ah – o poder. Quando a política se torna rotineira, organizada, nós que somos líderes naturais, depois de uns tempos, paramos de governar, de liderar – existimos, penso eu, num espaço raro a que se chama poder. *Es verdad, no?*

KAMINI — Só há uma coisa a fazer com os subversivos – Crrr! (*Faz um gesto significativo em torno do pescoço.*) Eu também costumava ter subversivos. A imprensa ocidental gosta de chamar-lhes guerrilheiros. Mas eu digo que não tenho guerrilheiros no meu país, só bandidos. Chamamos-lhes *kondo*. Eu apanho qualquer *kondo* e faço-o cheirar a coisa da mãe dele.

GUDRUM — Sei tudo sobre subversivos. O meu país, demasiado permissivo, está cheio deles, escondendo-se do seu fracasso em lidar com a realidade. Infelizmente, nós escandinavos, ainda temos um orgulho simulado nas nossas ideias, ditas neoliberais. Abrimos as nossas portas a todo o tipo de inúteis do terceiro mundo que deveriam estar nos seus próprios países, a tentar contribuir para o seu desenvolvimento. Enquanto jornalista, conheço muitos deles: jovens incapazes que circulam pelos cafés, bares e discotecas, inúteis a si próprios e para o seu país.

KAMINI — Gudrum é uma verdadeira amiga dos líderes africanos. Ela está a escrever um livro sobre mim, com muitas fotografias. Chama-lhe *O Gigante em Cena*. Mostra Kamini como sendo um jovial homem de família. Um *big uncle* para todos no país.

GUDRUM — Já poderia estar terminado se não tivesse perdido tempo a lidar com as difamações feitas pelos desertores de Bugara que se encontram no meu país. Espalharam as mais repugnantes calúnias sobre o Marechal. São maricas, na sua grande maioria. Bichas.

GUNEMA — O que quer dizer com maricas? Bichas?

GUDRUM — Mariconsos. Homossexuais. Nem sabem o que é ser homem. Têm medo da virilidade.

KAMINI — (*Rindo.*) Gudrum, penso que quer dizer que eles até fogem de verdadeiras mulheres como a senhora.

GUDRUM — Claro, Excelência. Tornaram-se parte de uma cultura de dependência de drogas. Um continente de futuro, como é África, não precisa desse tipo de gente. Só serviriam para contaminar a alma e a história africanas. Vocês têm os vossos heróis, Excelência, construtores de nações. Hoje temos a sorte de ter em vós a sua reencarnação. Aquelas estátuas, Sr. Presidente-para-a-vida, foram uma ideia brilhante. Vão servir para despertar a consciência das Nações Unidas.

KAMINI — É isso mesmo, Senhora Gudrum. Lembre-se de dar nomes a esses subversivos. Mesmo que se recusem a voltar para casa, havemos de os encontrar. Só há um bom tratamento para as famílias que apoiam os guerrilheiros que se escondem na Escandinávia e noutros países do tipo americano.

GUNEMA — *Si*, o meu país também é desse tipo. Mas, às vezes, olho para países como a Itália. Brigadas vermelhas. Ou para a Alemanha. Ou para esse novo tipo de pessoas, a Brigada arménia, que assassinam e bombardeiam qualquer aeroporto, não importa onde. Não penso que eles queiram governar. Porquê? Porque eles já usufruem do poder. Poder secreto. Eles lutam, fazem reféns, bombardeiam edifícios, matam pessoas que nunca viram antes, estranhos completos — é deste género de poder que estou a falar. Acredito que esse tipo de gente só pensa em reparar a história, não tomar o governo.

KAMINI — Todos os subversivos são más pessoas. Na maioria são agentes imperialistas. É melhor matá-los primeiro.

GUNEMA — Claro, claro. Definitivamente. Não sou sentimental, nem pensar.

KASCO — Sentimental? Não. Foi Saint-Just sentimental?

KAMINI — Saint-Just? Mas quem é Saint-Just?

KASCO — O carrasco da Revolução Francesa. Ele tratou de Danton – guilhotina. Saint-Just foi uma alma irmã para o imortal Robespierre. Mas todos cometem erros. Há demasiadas pessoas a beber do poder. Toda a rale da *poubelle* – os descamisados, Girondistas, Jacobinos, Montagnardistas, padeiros, taberneiros, até ferreiros e condenados. Oportunistas, todos. Foi o que destruiu Robespierre. O poder estava reduzido. O poder é indivisível.

GUNEMA — É por isso que eu gosto de vudu. Também é um poder secreto. *Misterioso, pero amigo, también – muy peligroso*. Para os que não são os escolhidos, muito perigoso. Não se manifesta de imediato, tal como as brigadas vermelhas. Ou assim, de repente, como a ejaculação. O poder do vudu é tranquilo, *extendido*, como fazer amor com uma mulher que realmente se ama ou possui. Domina-la, mas mesmo assim fazes com que o amor se estenda não só ao corpo, mas à alma.

KAMINI — Ah, agora compreendo. De início falavas como todos aqueles meus professores em Bugara. Quando queriam ser subversivos, falavam dessa forma dúbia para gerar confusão. Mas na questão da mulher, aí sim, Kamini concorda totalmente. É por isso que um líder deve ter muitas mulheres.

A porta abre-se devagar e um rosto espreita.

PRESIDENTE BCB — Posso entrar, Vossa Excelência?

KAMINI — Quem? Ah, entre, entre. Porque se demorou tanto, Sr. Presidente? *(Volta-se para os companheiros.)* Desculpem-me por uns minutos enquanto eu trato de uns assuntos. É o Presidente do Banco Central de Bugara. Quando viajo, levo o Banco de Bugara comigo, assim ninguém pode roubar dinheiro nas costas de Kamini. Há demasiados *kondo* vestindo fatos europeus e falsificando as assinaturas deste e daquele gerente bancário. Quando Kamini não está em casa, só o Presidente pode assinar cheques, e ele está aqui com Kamini. *(Solta uma gargalhada.)*

KASCO — *C'est sage, mon vieux.*

KAMINI — Então, o que aconteceu? Quanto nos deram de empréstimo?

PRESIDENTE BCB — Vossa Excelência, foi uma reunião difícil. O Banco Mundial não foi muito cooperante.

KAMINI — Não nos deram o empréstimo?

PRESIDENTE BCB — Não propriamente, Vossa Excelência. Insistiram em algumas condições...

KAMINI — Acha que eu quero saber das condições? Concorde com quaisquer condições, mas consiga o empréstimo.

PRESIDENTE BCB — Não é assim tão fácil, Vossa Excelência. Querem penhorar o corpo e a alma de Bugara...

KAMINI — Acha que eu quero saber do corpo e da alma do meu país? Se eles emprestarem os duzentos milhões de dólares eu dou-lhes o corpo e a alma de Bugara. Volte lá e concorde com quaisquer condições que eles impuserem.

PRESIDENTE BCB — Ainda há mais, Vossa Excelência. Eles não querem entregar o dinheiro diretamente. Na verdade, esse pedido foi liminarmente recusado. Nem sequer houve discussão.

KAMINI — O que é que eles querem dizer com isso? Não lhes disse que o Banco de Bugara estava aqui com o seu Presidente, em pessoa?

PRESIDENTE BCB — Vossa Excelência pode estar certo de que eu expliquei a nossa posição minuciosamente. Mas a decisão deles é que o empréstimo serve apenas para financiar projetos específicos.

KAMINI — *(Encolerizando-se.)* Para que eles possam mandar os seus espiões fedorentos para Bugara dizendo que estão a supervisionar o empréstimo concedido? Nem pensar. Kamini é muito esperto e percebe bem o jogo deles para se infiltrarem nos países do Terceiro Mundo. Volte lá e diga-lhes que ou fazem o empréstimo

em dinheiro vivo ou assumo todos os restantes negócios estrangeiros em Bugara. Nacionalizo todos os negócios de qualquer país membro do Banco Mundial.

PRESIDENTE BCB — Vossa Excelência, tomei a liberdade de fazer referência a essa possibilidade. Não os deixei na dúvida quanto às possíveis consequências de um não-empréstimo.

KAMINI — E ainda assim disseram que não?

PRESIDENTE BCB — Temo que sim, Vossa Excelência. (KAMINI *fica calado, mastigando os lábios.*)

GUDRUM — É uma conspiração, meu Presidente-para-a-vida. Faz parte de uma sabotagem económica deliberada.

KAMINI — Eu sei. Há conspiração capitalista suja por todo o lado. O Banco Mundial pertence a toda a gente. Porque é que discriminam só Bugara? Porque deram um empréstimo a Hazena? Não é verdade que Hazena ainda lhes deve mais dinheiro do que Bugara?

PRESIDENTE BCB — É um facto, Vossa Excelência. Também realcei esse ponto.

KAMINI — E então? O que responderam a isso, hã?

PRESIDENTE BCB — Responderam que Hazena tem estado a pagar os juros de forma regular, Vossa Excelência.

KAMINI — (*Zangado.*) Que me interessa a porcaria dos juros? Bugara prometeu pagar tudo de uma vez em cinco anos. Por isso o que me interessam os estúpidos dos juros, hã? Cobram juros, cobram juros e acabam com todas as divisas de Bugara.

GUDRUM — Bugara já contribui com a sua cota parte para o Banco Mundial, isso é um facto, Vossa Excelência. Quando a economia estava em alta, Bugara nunca falhou um pagamento.

KAMINI — É o que eu digo, tudo não passa de uma conspiração suja, discriminatória e imperialista. Vou fazer queixa ao Secretário-Geral ainda hoje e levantarei a questão à Assembleia Geral. Que o Banco Mundial nos diga de uma vez por todas se o dinheiro é só para os países ricos e para os bastardos neocoloniais como Hazena, ou se pertence aos países do terceiro mundo que necessitem de empréstimo. Quanto a si, Presidente, volte a Bugara imediatamente e comece a imprimir mais notas do Banco Nacional. Vou mostrar a esses bastardos que eles não controlam a nossa moeda soberana.

PRESIDENTE BCB — (*Aterrorizado.*) Como, Sr. Presidente-para-a-vida?

KAMINI — Eu disse, volte a Bugara e ponha em andamento a cunhagem de uma grande quantia de

dinheiro. Quando regressar quero ver notas a cheirar a novas em circulação e não ouvir as lamúrias de falta de dinheiro, etc. e por aí fora.

PRESIDENTE BCB — Mas Vossa Excelência, essa foi a razão pela qual viemos aqui em busca do empréstimo. Agora que não o conseguimos, não há como cunharmos nova moeda.

KAMINI — Mas de que é que este homem está a falar? Por acaso há falta de papel na Casa da Moeda para imprimir notas?

PRESIDENTE BCB — Estou a tentar explicar, Vossa Excelência. Neste momento, a moeda nacional de Bugara não atinge o valor do papel higiénico. Se formos agora tentar imprimir mais, seria...

KAMINI — O quê? O que é que acabou de dizer?

PRESIDENTE BCB — Vossa Excelência?

KAMINI — Eu perguntei o que é que acabou de dizer sobre o valor da moeda de Bugara!

PRESIDENTE BCB — Apenas que toda a moeda precisa de suporte, Vossa Excelência. Tem de...

KAMINI — Não, o que disse foi que a moeda de Bugara só valia isto e aquilo.

PRESIDENTE BCB — Bem, estava a tentar explicar que o papel de qualquer dinheiro só vale o que...
(*A voz desvanece.*)

KAMINI — (*Levantando-se.*) Disse que a moeda nacional só tem o valor do papel de limpar o cu? Foi isso que eu ouvi ainda agora? Foi isso que eu ouvi?

PRESIDENTE BCB — Vossa Excelência, estava só a tentar ilustrar...

KAMINI — (*Fala para KASCO e GUNEMA.*) Estão a ver, este é o tipo de traidor que eu tenho a governar o Banco Central de Bugara. Este bastardo sífilítico, a falar pior de nós do que a propaganda imperialista.

PRESIDENTE BCB — Vossa Excelência...

KAMINI — Não admira que Bugara esteja constantemente na falência, quando este tipo de presidente insulta a moeda nacional, chamando-lhe papel para limpar o cu. Este é o tipo de pessoa que ia a reuniões importantes do Banco Mundial para pedir empréstimos. Acha que o Banco Mundial dá empréstimos a Bugara quando chama à moeda nacional papel de limpar o cu?

PRESIDENTE BCB — (*Cai de joelhos.*) Meu Presidente-para-a-vida, asseguro-lhe que nunca...

KAMINI — Hoje vou fazê-lo engolir a boa merda de Bugara. (*KAMINI toca a campanha.*)

PRESIDENTE BCB — (*Aterrorizado.*) Vossa Excelência, meu Presidente-para-a-vida...

KAMINI — Estou rodeado de traidores covardes dizendo mal de Bugara. Hoje vou fazer-lhe cheirar a coisa da sua mãe...

Entra um elemento da FORÇA ESPECIAL.

FORÇA ESPECIAL — Vossa Excelência?

KAMINI — Pega neste *kondo* de fato e gravata, mete-o dentro da casa de banho e enfia-lhe a cabeça na sanita. (*O FORÇA ESPECIAL sobe as escadas.*) Cada vez que o autoclismo encher, voltas a descarregá-lo sobre a sua cabeça.

O FORÇA ESPECIAL segura no PRESIDENTE pelos ombros enquanto este implora misericórdia e empurra-o para dentro de um compartimento cuja porta se abre da varanda. KAMINI segue-os e fica do lado de fora dando instruções à medida que o PRESIDENTE é forçado a ficar de joelhos.

KAMINI — Enfia-lhe a cabeça bem lá no fundo. E repito, bem lá no fundo. Põe-lhe o pé no pescoço e pressiona. (*Ouve-se gorgolejar.*) Assim está melhor. Agora puxa o autoclismo. (*Ouve-se o som da descarga*

de água. KAMINI sorri abertamente.) Muito bem. Com que então, chama à moeda de Bugara dinheiro de merda, hã? Assim, vá bebendo água de merda, por enquanto, até que eu esteja pronto para si. (*Volta para a sua cadeira-trono.*) Deixa a porta aberta que é para eu ir ouvindo a água a entrar por essa boca suja.

Desde esse momento até ao final da peça, o som do autoclismo vai sendo ouvido periodicamente. KAMINI retoma o seu lugar e volta-se para os companheiros.

KAMINI — Perdoem-me irmãos. Peço desculpa por esta pequena interrupção para tratar de negócios.

KASCO — *Mais pas de quoi, mon frère.*

GUNEMA — *Si, compreendido.* A disciplina impõe-se.

KAMINI — Não admira que ele não tenha conseguido o empréstimo. Já ia com uma atitude mental de subverter a economia de Bugara. Agora se eu for para lá queixar-me que o Banco Mundial recusou o empréstimo ao meu país, eles vão responder que o Presidente do Banco Central já admitiu que a moeda de Bugara é dinheiro de merda, e assim por diante.

GUDRUM — Talvez pudéssemos enviar o ministro das finanças a seguir, meu Presidente-para-a-vida.

KAMINI — Sim, mas vou esperar que a minha estátua seja colocada no edifício das Nações Unidas. Quando todos a virem lá, penso que vai dar que pensar ao Banco Mundial. São eles que depois virão até mim implorar que retomemos os negócios.

Entra a EMBAIXADORA, abrindo a porta com grande deferência e falando quase que apologeticamente.

EMBAIXADORA — Vossa Excelência, Sua Graça, penso que encontrei o lugar ideal para colocar a sua escultura.

KAMINI — Sim?

EMBAIXADORA — Penso que Vossa Excelência, assim como os seus camaradas Presidentes, Suas Excelências, vão ficar satisfeitos. A posição não difere muito desta aqui. Fica no cimo da escadaria por onde todos os delegados têm de passar ao deixar a sala da Assembleia Geral para se dirigirem às salas de recepção do comité e do público. Qualquer visitante que venha consultar os delegados não pode deixar de ver as figuras imponentes de Vossas Excelências.

KAMINI *olha para os seus companheiros, um a um.*
KASCO *responde com um grunhido de aprovação e*

um acenar de cabeça. GUNEMA inclina a sua cabeça em sinal de aprovação. KAMINI retoma a sua pose.

KAMINI — Os meus irmãos aprovam. Informe o Secretário-Geral. O oficial de protocolo que me contacte para tratar da cerimónia do descerrar das estátuas. Gudrum, dê-lhe alguns conselhos. Penso que também já informou a imprensa mundial.

GUDRUM — Claro, Sr. Presidente. Estou ansiosa pelo momento histórico. Na verdade, talvez deva ir inspecionar o lugar pessoalmente.

KAMINI — Muito boa ideia. Vá com a Embaixadora e traga notícias.

A EMBAIXADORA faz uma vénia e sai acompanhada por GUDRUM. Um período de silêncio enquanto o ESCULTOR prossegue o seu trabalho e o trio assume as suas poses rígidas.

KAMINI — Gosto do Secretário-Geral. É um homem simpático.

KASCO sorri e acena com a cabeça.

GUNEMA — *Si. Pero...* Ele é um *niño*. Bebê. Não, é mais como uma criança, *pequeño*. Não entende o poder. Não usa o poder. Bom homem, *si, muy simpatico*, *pero* não é um homem de poder.

KAMINI — Está muito bem assim. Ele serve para acatar as nossas ordens. Viemos aqui para lhe dar ordens. Somos nós que temos o poder, não ele.

KASCO — *Oui, oui. Le pouvoir, c'est à nous.*

KAMINI — O quê?

KASCO — O poder somos nós. Nós temos o poder.

KAMINI — Está bem assim.

Alguns momentos de silêncio. De repente GUNEMA solta um suspiro.

GUNEMA — Às vezes sonho... *El Caudillo*.

Os outros voltam-se para ele sem perceber.

GUNEMA — *El Caudillo*, O General Franco. Sim, Franco, penso que ele daria um Secretário-Geral melhor. Era bom para a paz mundial. Espanha foi muito pacífica durante quarenta anos. Agora todos arranjam problemas.

KAMINI — Franco? Ele não era amigo dos Zionistas?

GUNEMA — *El Caudillo*? Não, não. Se o General Franco fosse o Secretário-Geral, a primeira coisa que ele fazia era acabar com os Zionistas.

KAMINI *acena em concordância.*

KASCO — O que pensas do Papa? Penso que dava um bom *Secrétaire-Général*.

GUNEMA — Papa Doc? Papa Doc Duvalier? *Si*, ele é um homem de poder, mas...

KASCO — Não, o Papa de Gaulle, o salvador da França moderna. Ele foi uma espécie de Papa para o meu povo. Chorei quando ele morreu.

GUNEMA — No princípio pensei que te referias ao homem forte do Haiti. Esse sim, era um *hombre*. O poder! *Misterioso*. Era o Franco das Caraíbas. Mas não penso que desse um bom *Secretario*, ah não.

KAMINI — Porquê?

GUNEMA — Vudu. Demasiado vudu. Dava-lhe poder, muito poder. Exercia vudu sobre todos os delegados e transformava-os em *zombies*.

KAMINI — E tu, meu irmão? Oh, estás a gozar. Todos sabem que tu próprio és um homem de vudu.

GUNEMA — Não como Papa Doc. Ele era *maestro*. *El uno, y único*. Transformou quase metade dos habitantes de Haiti em *zombies* e o resto (*Faz um gesto contundente a atravessar a garganta.*), depois enviou os Ton Ton Macoutes. Até os Ton Ton são *zombies*. Papa Doc enviava-lhes ordens de qualquer parte. Podia estar do outro lado da ilha e enviar-lhes uma ordem – façam isto ou façam aquilo. E eles cumpriam a ordem. A distância não importava. Isto sim, é poder. Mas, para *Secretario*, era demais. *Muy peligroso*.

KAMINI — Pensas que Papa Doc conseguia exercer vudu em alguém como eu?

GUNEMA — Impossível. *Jamás*, nunca. O meu amigo não é *un hombre ordinario*. Tal como eu e o nosso *camarade*, o Imperador Kasco, nós não somos *ordinario*. Porque pensas que governamos o nosso povo? Alguns nasceram para o poder. Outros são – gado. Precisam de argola à volta do nariz para nós os conduzirmos.

KASCO — *Oui, oui*. Há pessoas, indivíduos que nasceram com o sinal imperial aqui, (*Bate com o dedo na testa.*) na testa. Eu penso em, talvez... De Gaulle. Ou Robespierre. Mas o principal, o líder de todos eles na história, na história mundial – o *sans pareil* de todos os tempos – é Napoleão Bonaparte.

GUNEMA — Não, é Franco.

KASCO — Franco é como uma miniatura na história quando comparada com Bonaparte. Franco! Franco era... Ele nem tinha presença. Não se sentia comando na sua personalidade.

GUNEMA — É Franco, é Franco. Não sabes nada de história mundial, só história francesa.

KASCO — Meu amigo, saber francês é compreender a história. Em Napoleão Bonaparte tens toda a história da Europa moderna e da sua civilização... Até o Norte de África entrou para a história com Napoleão.

KAMINI — Meus irmãos, estamos a discutir o quê? E o que dizer do nosso irmão Chaka? Para mim, Chaka é o maior. Só o Hitler se compara a Chaka. Mesmo assim se Chaka tivesse tido aviões e bombas voadoras, ele mesmo teria derrotado Hitler. Eu sei, porque eu sou descendente do grande Chaka.

KASCO e GUNEMA voltam-se para ele, depois olham um para o outro. KASCO tosse de forma embaraçosa enquanto GUNEMA levanta o sobrolho cinicamente.

GUNEMA — Claro, *amigo*. Se tu não és descendente do grande Zulu, quem mais?

KAMINI — O departamento de história da minha universidade traçou a minha árvore genealógica. Publicaram-na nos jornais e deram palestras sobre o assunto na televisão. Isso fez o meu povo muito feliz.

KASCO — *Naturellement!*

KAMINI — Até as nossas vidas são similares. Eu também matei o meu primeiro leão quando tinha sete anos, com uma lança. Faz parte da nossa tradição. O teste da virilidade. Aos treze, o jovem deve ir para a floresta, sozinho. Leva uma lança e uma *panga* – sabem, um alfange – e permanece na floresta até regressar a casa com uma presa. Para a maioria, é sempre um pequeno antílope ou um bode. Eu, ao fim de cinco dias, cacei um leão.

KASCO — Mas, irmão, acabaste de dizer que o fizeste quando tinhas sete anos.

KAMINI — Sim, aos sete. Os outros aos treze, mas eu, eu não podia esperar. Tal como Chaka, eu não podia esperar.

A porta abre-se de forma cuidadosa. Aparece novamente a cabeça da EMBAIXADORA, desta vez o seu rosto espelha puro medo. Ela olha firmemente para KAMINI, depois desaparece sem fechar a porta.

Alguns segundos depois, esta abre-se escancaradamente. GUDRUM entra primeiro, depois chama e quase arrasta a EMBAIXADORA. Ela aparece com ar resignado, o que não disfarça o terror que a assola. Tosse para chamar a atenção de KAMINI.

EMBAIXADORA — Vossa Excelência, Sua Graça ...

KAMINI — O que se passa? Porque continua a importunar?

EMBAIXADORA — Foram embora, Vossa Excelência. O resto da delegação. Foram todos embora.

KAMINI *endireita-se rapidamente, agarrando os braços da cadeira.*

KAMINI — O que é que disse?

GUDRUM — Mais alguns traidores mostraram as suas verdadeiras faces, Vossa Excelência.

EMBAIXADORA — Saíram logo após a sessão de trabalho dos Ministros dos Negócios Estrangeiros. O Ministro dos Assuntos Estrangeiros, a sua secretária, os dois especialistas em problemas da Palestina e da África do Sul – Dr. Wamue e a Sra. Olanga, e aquele novo...

KAMINI — O meu discurso! O que aconteceu ao

discurso que ele deveria preparar para eu me dirigir à Assembleia Geral amanhã? Era suposto ele ler-mo à hora de almoço.

EMBAIXADORA — Encarregarei imediatamente disso o terceiro secretário, Vossa Excelência.

KAMINI — O terceiro secretário. O terceiro secretário é que vai escrever o discurso com que o Presidente-para-a-vida de Bugara se vai dirigir às Nações Unidas?

GUDRUM — Na verdade ele é brilhante, Sr. Presidente. Um jovem graduado, mas brilhante.

KAMINI — O terceiro secretário. A Sra. Embaixadora está na função errada. Porque é que não consegue escrever o discurso? Porquê? Porque é ignorante. Não tenho nenhum especialista, porque é que é Embaixadora se não é especialista? Porque é que não é capaz de representar a minha opinião e expressá-la corretamente se eu não estiver presente?

GUDRUM — Claro que ela é capaz, Vossa Excelência. Também posso ajudar, se Vossa Excelência desejar. Mas este jovem graduado estudou todos os discursos de Vossa Excelência na universidade. Ele fez o doutoramento sobre os seus discursos. Li alguns dos *briefings* que ele preparou para a delegação.

KAMINI — (*Relaxa, de alguma forma.*) Ah, é? Sei

que a minha filosofia política, e etc., é estudada na universidade, mas não sabia que alguém tinha feito doutoramento na área. Ele fez o doutoramento na nossa Universidade de Bugara?

EMBAIXADORA — *(Entusiasticamente.)* Naturalmente, Vossa Excelência. E já deu muitas palestras sobre o assunto desde que se instalou aqui conosco.

KAMINI — Muito bem, muito bem. Mas onde está o Primeiro-Secretário?

EMBAIXADORA — Essa posição está vaga há dois anos, Vossa Excelência. O mesmo se passa com a posição de Segundo-Secretário. Se Vossa Excelência fizer o favor de se lembrar dos vários memorandos que eu enviei ao Ministro dos Negócios Estrangeiros sobre o assunto, com conhecimento de Vossa Excelência...

KAMINI — Está bem. Como se chama o jovem?

EMBAIXADORA — Seli Metatu, Vossa Excelência.

KAMINI — Promove-o a Primeiro-Secretário e diz-lhe para se despachar com o meu discurso. Ainda assim, não gosto da ideia de ser um Terceiro-Secretário a escrever um discurso de um Presidente-para-a-vida. Promove-o já hoje.

EMBAIXADORA — Mas... se... se me permite, eu lembrava a Vossa Excelência que a razão pela qual as

posições de Primeiro e Segundo Secretários, como também a de Adido Comercial, estão vagas é porque, de acordo com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, já não há fundo de maneiio para pagar a ninguém nestes lugares.

KAMINI — (*Grita.*) Lembro-me perfeitamente. Eu não esqueço. E não é esse o mesmo Ministro que agora fugiu no meio da sua missão internacional? Porque é que ele fugiu? Porque é que todos fogem? Porque roubaram dinheiro de Bugara, é por isso. Fazem contrabando de mercadorias no mercado negro, arruinando a moeda de Bugara. Diga-me, porque é que esse traidor, o que se intitula de Professor, porque é que fugiu em vez de liderar aqui a minha delegação na reunião? Ele desviou dinheiro e suspeitou que eu descobriria. Ele sabia que eu o poderia desmascarar perante os seus amigos internacionais na Assembleia das Nações Unidas — não passa de um ladrão comum. Tantos cabelos brancos e tão sem vergonha. Com que então, todos pensam que ele é um grande académico, um homem brilhante, etc. e tal. Um homem brilhante que desvia dinheiro e foge. Muito obrigado pelo brilhantismo, um dia destes escolho um homem estúpido. Promovo esse jovem hoje mesmo. Quando ele regressar a Bugara, que volte à Universidade e faça

dele um Professor. Mas se ele tentar ser brilhante como Kiwawa, vai cheirar a coisa da mãe dele, muito antes de conseguir fugir. Agora preciso de encontrar um novo Ministro dos Negócios Estrangeiros que consiga dinheiro e que pague os salários em vez de fugir com o dinheiro de Bugara. Talvez faça de si o novo Ministro, você é inútil enquanto embaixadora uma vez que nem consegue escrever o meu discurso numa emergência.

EMBAIXADORA — Vossa Excelência, as suas ordens serão cumpridas.

KAMINI — Como é que eles escaparam? Quero os nomes dos elementos das minhas Forças Especiais que deveriam controlar todos os seus movimentos. Como é que todos escaparam sem ser perseguidos? Têm de os seguir atentamente mesmo quando vão cagar à casa de banho.

EMBAIXADORA — Já instaurei um inquérito, Vossa Excelência. Devem ter planeado tudo cuidadosamente. Fingiram que estavam todos ainda na sala de reuniões, mas na verdade escapavam pela janela dos lavabos. A sala dava para uma saída utilizada apenas pelos empregados de limpeza do edifício. Os guardas da Força Especial Presidencial mantiveram-se à espera na porta principal durante mais de uma hora...

KAMINI — Que idiotas! Não perceberam que já não ouviam nada do interior? Pensaram o quê? Que estavam todos a dormir lá dentro?

EMBAIXADORA — Vossa Excelência, sua Graça, eles foram muito espertos. Deixaram um gravador a passar uma conversa durante uma hora, ou mais.

KAMINI — Estão a ver? Não é uma desgraça? Um Ministro de Estado a usar truques como o 007 James Bond para poder fugir com o dinheiro nacional. Este é o tipo de ministros que resta em Bugara. James Bond. É o que resulta do imperialismo e do neo-colonialismo e da cultura que ensinam ao nosso povo. Cultura sífilítica. Sífilis mental. Como se explica uma coisa destas? Um homem instruído, um ministro de gabinete a brincar ao James Bond nas Nações Unidas.

EMBAIXADORA — Vossa Excelência, se me permite...

KAMINI — Não me interrompa. Você não é lá grande embaixadora, ou isto não acontecia debaixo do seu nariz. Enviou mensagem a Bugara para que as Forças Especiais os procurem nos vilarejos deles?

EMBAIXADORA — Vossa Excelência, ia agora mesmo sugerir deslocar-me a uma embaixada amiga para mandar um *fax*.

KAMINI — Mas porquê uma embaixada amiga? Porque é que não envia do nosso próprio *fax*?

EMBAIXADORA — Já foi cortado há meses, Vossa Excelência. Não pudemos pagar... Não tínhamos dinheiro para pagar as contas. (*Apressando-se a falar.*) O Ministro dos Negócios Estrangeiros tinha consciência do...

KAMINI — O Ministro dos Negócios Estrangeiros! Não quero ouvir o nome desses traidores — de nenhum deles. Mande uma mensagem como quiser às Forças Especiais Presidenciais e mande-os procurar nos vilarejos. Já perdeu muito tempo precioso, Sra. Embaixadora. E reporte o assunto ao Secretário-Geral das Nações Unidas. Deixe que ele saiba o mal que o povo dele me fez.

EMBAIXADORA — Fá-lo-ei imediatamente, Vossa Excelência. (*Sai apressadamente, seguida de GUDRUM.*)

KASCO — *Mes condolences, camarade.* Mas estes são os pequenos espinhos que magoam uma cabeça coroada.

GUNEMA — *Si. Que lástima.* Mas isso não é nada. Os traidores reproduzem-se como larvas, não? Estão podres até ao osso, até ao tecido no interior do osso. As suas almas estão empestadas de corrupção. Infetam os outros.

KASCO — Vejo que enviou as Forças Especiais aos vilarejos. Isso é bom. A raiz pode ter envenenado o solo.

GUNEMA — Os meus súbditos, esses têm de ter muito

cuidado se quiserem conspirar contra Benefacio Gunema. Quando olho para qualquer um dos meus ministros ou para o oficial das forças armadas, ele sabe que estou a olhar para bem dentro do seu coração, da sua alma. Ele sabe que através dele vejo a sua mulher, os seus filhos, o seu pai, e mãe, e avós, e tios e todos os seus parentes e amigos, vivos ou mortos... Sim, incluindo os mortos. É ele que deve escolher se eles podem descansar em paz nos seus túmulos porque, *la culpabilidade*, a... er... a culpa, vai para além do túmulo.

KAMINI — (*Ainda agitado.*) É difícil agora sentar-me e posar para o artista. Fazemos um intervalo e forramos o estômago, o que é que dizem?

KASCO — *Oui, d'accord.*

GUNEMA — Concordo. Já estava a sentir câibras ao fundo da espinha.

KAMINI — Muito bem. Meu bom amigo Sr. Escultor, vamos fazer um intervalo. Tu também podes fazer um intervalo. Nem só de trabalho vive o homem, não é assim? Quando a minha Embaixadora chegar, diz-lhe que te dê dinheiro para o táxi porque eu engracei contigo.

ESCULTOR — Não há necessidade disso, Vossa Excelência. Todas as minhas despesas estão pagas.

KAMINI — Qual é o problema? Não gostas de mim? Não queres o meu dinheiro?

ESCULTOR — *(Apressando-se a responder.)* Não, Vossa Excelência, muito pelo contrário...

KAMINI — Talvez não gostes dos dólares americanos. A moeda de Bugara será suficientemente boa para ti? *(Tira do bolso maços de notas e atira-as ao escultor.)* Aí tens. Dinheiro bom de Bugara.

ESCULTOR — Sr. Presidente...

KAMINI — Sr. Dr. Presidente.

ESCULTOR — Vossa Excelência, Dr. Presidente é muito generoso.

A porta abre-se amplamente e entra a Embaixadora anunciando um visitante.

EMBAIXADORA — Vossas Excelências, Sua Excelência o Presidente Vitalício de Nbangi-Guela.

Entra o Presidente Barra Tuboum. Veste uma pele de animal às riscas, traje 'Mao' com um barrete árabe a condizer. Traz uma bengala ornamentada e esculpida em marfim. Presa à cintura, uma espada com punho de marfim enfiada num coldre feito de pele de zebra. KAMINI corre em sua direção de braços abertos. Os outros seguem mais devagar.

KAMINI — Alexandre! Bem-vindo, bem-vindo.

TUBOUM *para por um instante, parece recuar.*

TUBOUM — Tuboum, meu irmão, Barra Tuboum.

KAMINI — Barra Tuboum?

TUBOUM — Barra Boum Boum Tuboum Gbazo Tse
Tse Khoru diDzo. Tirei todos os nomes estrangeiros.

KAMINI — Meu irmão, felicito-te.

Abraçam-se.

TUBOUM — Não ouviste falar? Comecei uma campanha vigorosa para eliminar todas as influências estrangeiras no nosso povo. Dei o exemplo e alterei os meus próprios nomes. Até os nomes na lápide do meu pai eu alterei. Todas as lápides dos nossos cemitérios serão alteradas.

Os outros aplaudem calmamente e abraçam-se, ao estilo francês.

GUNEMA — Alexandre foi um africano. Deverias estudar a sua história. Foi provado de forma conclusiva que ele era um africano.

KASCO — Mas, seguramente, o nome...

GUNEMA — Africano até à medula. Mas, isso não importa. Quero é ouvir falar na rebelião. Já terminou?

TUBOUM — Não me estás a ver aqui? Claro que já terminou. Esmagada. Todos os chefes de quadrilha? — Tch... (*Faz um gesto expressivo.*) Exceto três. Trouxe-os comigo para os exibir perante a Assembleia Geral. Eles confessaram que alguns poderes estrangeiros estavam por trás da rebelião. Depois da confissão pública talvez os possamos servir como refeição na festa de receção.

GUNEMA — *Hijos de puta!*

KASCO — Porcos imperialistas.

KAMINI — (*Abre caminho batendo nas costas do General.*) Felicito-te, meu irmão. Felicito-te novamente.

KASCO — Bravo. Deste uma boa lição aos nossos inimigos.

GUNEMA — Ainda assim, preferia que não mudasses de nome. Depois disto, todos te chamariam Alexandre, o Grande. Quem é que se vai lembrar do nome Barra Tuboum?

TUBOUM — Ai vão, vão. Depois desta vitória, é um nome que nunca mais ninguém vai esquecer. Liderei as minhas forças especiais pessoalmente, os famosos leopardos listrados de Mbangi-Gwela.

GUNEMA — Ah pois, *amigo*, sempre quis perguntar: o leopardo listrado é um animal real? Existe mesmo?

TUBOUM — Talvez uma quimera. Um espectro, uma esfinge. Mas é uma parte temível da nossa superstição, uma criatura misteriosa que caça de noite. Ninguém que a tivesse visto voltou para contar a história. Mas a história existe, aterradora. As minhas tropas de elite têm de ser destemidas e misteriosas. Se existem? Elas aparecem. Levam a cabo as suas tarefas e desaparecem – de volta ao acampamento no lago Gwanza. Não se misturam com a população. No campo de batalha comem com o seu líder, o único ser cujas ordens entendem. Eles sabem que constituem a elite, vivem na mesma atmosfera de poder, terrivelmente invencível. Treinam em segredo, longe dos olhares indiscretos do homem comum. O seu sigilo é o seu poder, tal como o cabelo de Sansão; os olhos de qualquer estranho observando a sua misteriosa auto-preparação significam uma corrosão do seu poder. Eles matam esses estranhos e devoram-nos.

KASCO — Devoram-nos!

TUBOUM — Devoram-nos – brancos, pretos ou amarelos. E não é a única maneira de assegurares a reabsorção do teu poder que foi sugada por olhos profanos?

Eles são tão assustadores quanto corajosos, os meus leopardos listrados de Gwanza. Os rebeldes também estavam desesperados, a tribo de Shabira, maus, cruéis, sem escrúpulos. O que representa a Convenção de Genebra para eles? Fizeram reféns, trabalhadores nas minas de Shabira, as suas famílias, padres, freiras, crianças, estrangeiros e cidadãos comuns. Os nossos aliados, as tropas paraquedistas francesas chegaram. O que fazer acerca dos reféns? Nada. Os comandantes belgas não tinham dúvidas – os ovos têm de ser partidos para se fazer uma omelete. A rebelião é um cancro, pior do que a morte, pior que a violação ou mutilação. A rebelião é inimiga do crescimento. É preferível perderem-se algumas crianças do que comprometer o seu crescimento com o horror da rebelião. Os belgas não faziam perguntas, cumpriam ordens. Os meus leopardos eram maus e duros. Eu conduzia-os por entre o rio Butelewa como uma lança afiada. Abatemo-nos sobre a fortaleza dos rebeldes ao amanhecer; eles estavam saciados pela pilhagem e pela violação de mulheres, mas ainda assim ferozes e selvagens. Os reféns? O que espera uma freira depois de ser violada? Muitos dos rebeldes caíram perante nós, tinham-se tornado covardes, escondendo-se atrás dos

hábitos das freiras que haviam profanado. Percorremos cada rua, cada praça. Bateram em retirada. Nós seguimo-los. Deslocaram-se para o seu último reduto, uma colina fortificada, crivada de obstáculos. Ah, há muito que preparavam esta rebelião. Na sua confusão já não distinguiam amigo de inimigo. Identificávamo-los pela sua própria voz. *Qui va là?* Gritava um, e os meus canhões respondiam “Bum, bum, Tuboum”. *Qui va là?* Ouvia-se repetidamente. “Bum, bum, Tuboum. Bum, bum, Tuboum”. Até que por fim, cobertos de pedra e sangue, começaram a render-se.

KAMINI — Ah, sim? E fizeste muitos prisioneiros?

TUBOUM — Só uma mão-cheia deles, o suficiente para o festim dos meus leopardos listrados. O resto? Não tinham eles assassinado e violado? Não lhes demos uma morte de soldado. Enforcámo-los e deixámo-los lá pendurados.

Um por um, acercam-se de TUBOUM, abraçam-no e beijam-no em ambas as faces.

KASCO — *C'est vraiment héroïque. Félicitations!*

GUNEMA — Invejo-o, *amigo*. Um homem bravo, um líder de grande coragem.

KAMINI — (*Agarra-o pelos ombros.*) Quem me dera ter estado lá ao teu lado. Um homem renasce no meio da batalha, não é verdade? Sente o poder pulsar-lhe nas veias, loucamente.

GUNEMA — Invejo-vos aos três, *amigos*. Guerreiros. Tomam o poder pelas armas. Lutam. Conquistam. Comigo é diferente. Sinto-me deslocado. O poder é algo que eu tenho de experienciar de outra forma, de uma forma muito diferente. O vosso método é linear, claro, *muy hermoso*, matemático. Eu estou embrenhado numa geografia nebulosa de poder. É por isso que estou permanentemente a tentar saboreá-lo. Percebem, saborear o poder na língua, mesmo. Tê-lo *a la boca*, mastigá-lo e engoli-lo devagar, como a uma infusão. Uma vez, penso só tê-lo conseguido uma vez.

KASCO — A coragem não se encontra só na guerra, *mon ami*. Em matéria de coragem equivaes a qualquer um de nós. Eu combati nas guerras francesas na Indochina mas, no campo de batalha, um inimigo é apenas um inimigo. Lutamos, matamos ou morremos. Tenho estado a pensar no que disseste anteriormente e concordo contigo. O poder só vem com a morte da política. Foi por isso que eu decidi ser imperador. Coloco-me muito além da política. No

momento da minha coroação, dei um sinal claro ao mundo que transcendendo as intrigas e mundanidade da política. Agora habito no reino puro do poder. Temo, *mês amis*, que todos vocês tenham escolhido permanecer no território da política. Mas a pergunta é: é uma questão de escolha? Ou estais encurralados?

KAMINI — *(Abana a cabeça desnortado.)* O almoço meus irmãos, o almoço. Estamos com fome ou não?

A porta abre-se novamente e a EMBAIXADORA anuncia.

EMBAIXADORA — Vossas Excelências, o honorável Presidente da Câmara de Hyacombe e o seu *staff*.

Precedido por um funcionário (PROFESSOR BATEY) que carrega uma chave dourada sobre uma almofada de veludo vermelha, entra o PRESIDENTE DA CÂMARA com todo o esplendor. Faz uma vénia, varrendo o chão com o seu chapéu e para de repente. Ergue-se lentamente, com os olhos esbugalhados. GUDRUM força a sua passagem por entre eles.

PRESIDENTE DA CÂMARA — Vossa Excelência, não sabíamos que tinha convidados. Quero dizer...

estes ilustres convidados. Vossas Excelências! Todo o continente africano está presente.

KAMINI — Meu amigo Sr. Presidente da Câmara, estes são meus irmãos. Não são convidados.

PRESIDENTE DA CÂMARA — Então, Sua Excelência, o General Barra Tuboum, sempre acabou por nos poder visitar. Os média disseram que havia alguns problemas...

GUNEMA — Conspiração imperialista. Tuboum dá cabo dela – bum, bum. Tal como Alexandre, o Grande.

KASCO — Não. Como Napoleão.

PRESIDENTE DA CÂMARA — Vossas Excelências vão ter de me desculpar. Sinto-me constrangido. Não esperava encontrar... quero dizer, só temos uma chave.

TUBOUM — *(Olha em volta perplexo.)* Chave? Mas qual chave?

PRESIDENTE DA CÂMARA — A chave da cidade de Hyacombe, Excelência. Tínhamos combinado com o Presidente Dr. Kamini fazer uma apresentação hoje. Libertação da cidade de Hyacombe. Agora encontro-vos aos quatro. O meu coração está prestes a rebenatar. Todos os líderes que nos proporcionaram o orgulho na nossa raça, aqui reunidos. Vocês que nos elevaram da degradação de séculos de conquista, escravatura e

desumanização. Excelências, a cidade de Hyacombe nunca me perdoará se eu não aproveitar esta ocasião única. Todos devem ser presenteados com a chave de liberdade da cidade. Faremos deste dia um feriado anual em Hyacombe.

PROF. BATEY — (*Puxa a manga do PRESIDENTE DA CÂMARA.*) Sr. Presidente...

PRESIDENTE DA CÂMARA — Sim? Ah, perdoem-me, Vossas Excelências. Deveria ter começado por apresentar a minha delegação. Este é o Professor Batey, um dos nossos conselheiros, responsável pelo protocolo e o elo direto ao Dr. Kamini.

KAMINI — Claro que conheço o meu bom amigo Professor. (*KAMINI abraça o PROFESSOR que parece desconfortável com o contacto físico.*) Venha conhecer os meus irmãos. Meus irmãos, este é o Professor Batey, um bom amigo. Ele está a escrever um livro sobre mim ao qual deu o título de “O Gigante Negro em Ação”. E a Gudrum, sabem, está a escrever um outro intitulado “O Gigante em Cena”. As pessoas pensam que o *Big Uncle* Kamini nunca se diverte, mas a Senhorita Gudrum vai mostrar-lhes. Bem, este é o Presidente-para-a-vida, Senhor Gunema de —

PROF. BATEY — Deixe-me poupá-lo a apresentações, Excelência, conheço cada uma das personalidades

aqui presentes, embora não tenha tido nunca a honra de os conhecer pessoalmente, até agora. Meus senhores, nem sei como dizer... Estou em êxtase. E logo todos ao mesmo tempo. Se eu disser em Hyacombe... não, não só em Hyacombe, quando toda a nação souber disto, que tivemos o prazer de, simultaneamente, cumprimentar... quero dizer, estar na mesma sala na presença de... ah, desculpem-me, sou uma pessoa muito emotiva...
(Volta-se e pega no seu lenço de assoar.)

KAMINI — *(Voltando-se para os seus convidados.)* O Professor Batey é assim mesmo, uma criatura muito amável. Quando me visitou em Bugara também chorou desta maneira. E sabem porque chorou? Por causa de toda a má propaganda que a imprensa imperialista estava a fazer contra mim. Diziam que eu matava pessoas, que as torturava e colocava na prisão — todo o tipo de coisas más a meu respeito só porque eu, Presidente-para-a-vida, Dr. Kamini, lhes dizia para irem para o inferno. Nenhum homem negro tinha tido a coragem de os tratar dessa maneira.

PROF. BATEY — Mas Vossa Excelência teve. Mandou-os para o inferno exatamente como nós gostamos de ouvir por aqui.

KAMINI — O Professor Batey veio e viu com os seus próprios olhos. Viajou por todo o país e não viu ninguém ser morto, nem uma única pessoa torturada. Voltou para o seu país e escreveu as coisas agradáveis que ele viu com os seus próprios olhos.

PROF. BATEY — *(Já recomposto.)* Vossa Excelência, é meu dever enquanto académico apresentar a verdade. Os problemas de Bugara são puramente económicos – enquanto sociólogo, vi isso claramente. Bugara não só herdou, da sua história colonial, um sistema económico desacreditado, como ainda está a ser explorada por um conglomerado de multinacionais, numa espécie de conspiração neocolonial, que continua a espoliar os países em desenvolvimento no Terceiro Mundo. É uma situação ultrajante e desumana, Excelências, e eu espero que os culpem por isso novamente, amanhã quando discursarem na Assembleia Geral das Nações Unidas. O que nos faz sentir ultrajados, acima de tudo, são os hipócritas que erguem o espantelho dos direitos humanos como distração, quando neste mesmo país –

PRESIDENTE DA CÂMARA — Professor... Professor Batey...

PROF. BATEY — O quê?

PRESIDENTE DA CÂMARA — Temos um problema no imediato.

PROF. BATEY — Como?

PRESIDENTE DA CÂMARA — Está tudo bem. Está tudo escrito no discurso, guarde-o. Excelências, pensei numa solução — queiram fazer-nos a vontade, por gentileza. Temos de marcar um novo encontro. Precisamos de tempo para conseguir arranjar mais chaves. E o Professor Batey terá de, naturalmente, incluí-los a todos no discurso.

GUDRUM — Com a sua permissão, Excelência, era justamente o que eu ia sugerir. Precisamos de usar a ocasião para fazer história. A Embaixada fixará uma outra altura para a cerimónia, o que nos dará tempo para convidar a imprensa e a televisão.

KAMINI — *(Volta-se para os companheiros.)* Estão todos de acordo? *(Ouve-se si, si, d'accord, etc.)* Estamos todos de acordo, Sr. Presidente da Câmara. Gostamos de fazer tudo juntos. Como aquelas estátuas além. Insisto em apresentarmos todos os assuntos de forma unida, coletiva. Vamos mostrar a estas superpotências como é.

PRESIDENTE DA CÂMARA — É um exemplo inspirador, Sua Excelência.

KAMINI — Obrigado, meu amigo. Ah, talvez enquanto está aqui me possa ajudar com o discurso

que eu vou fazer amanhã na Assembleia Geral. A minha Embaixadora vai dar-lhe uma cópia. Teve de ser escrito por um dos secretários juniores da nossa Embaixada e eu ainda nem o testei devidamente.

PROF. BATEY — Um secretário júnior? Então, o meu amigo Dr. Kiwawa? Estava ansioso por encontrá-lo aqui, na sede da delegação, como de costume.

KAMINI — O Dr. Kiwawa desertou. Desapareceu precisamente no dia em que estávamos prontos para ir para a Assembleia. Na verdade, três da minha equipa de conselheiros desapareceram com ele. Fugiram depois de desviar dinheiro do Tesouro. A minha polícia não os encontrou até agora, talvez tenham fugido para um país vizinho.

PROF. BATEY — O Dr. Kiwawa... Mas isso é incrível, Vossa Excelência. Eu pensei que o conhecia bem. Oh, isto é muito desencorajador, Dr. Presidente.

KAMINI — E desde que chegámos aqui, mais cinco desapareceram das Nações Unidas. Sei que foram subornados com dinheiro capitalista para fugir. Não tarda, escreverão coisas más a meu respeito na imprensa capitalista quando, na verdade, eles fugiram foi de consciência pesada de culpa. Sei que estavam neste conluio de desvio de dinheiro com o Dr. Kiwawa.

PROF. BATEY — (*Firmemente.*) Tem de contactar a Interpol, Vossa Excelência. Arrependo-me de ter confiado tanto nele.

KAMINI — Já informei o Secretário-Geral. Apesar de tudo, eu estou aqui por causa dos assuntos das Nações Unidas. Quero que ele saiba as coisas terríveis que os imperialistas me estão a fazer só porque defendo a causa do nosso povo.

PROF. BATEY — É triste, Vossa Excelência, muito triste. Darei uma mãozinha no que for preciso enquanto estiver aqui, senhor. É uma honra que aceito com agrado.

KAMINI — Meu amigo, não consigo agradecer-lhe o suficiente. Adeus, Sr. Presidente.

Saem o PRESIDENTE DA CÂMARA e os seus homens, conduzidos pela EMBAIXADORA. GUNEMA abana a cabeça.

GUNEMA — Ninguém da minha delegação alguma vez fugirá.

KAMINI — Qualquer um pode fugir.

GUNEMA — Não. Da minha delegação não. E sabes porquê?

KASCO — Mantêm-nos contentes com mulheres.

GUNEMA — Não. Vudu. Eles sabem que se desertarem no cumprimento do dever alguma coisa de mal lhes acontece. Ficam doentes com uma doença horrível. Morrem muito lentamente.

TUBOUM — Sim, toda a África sabe da tua reputação nesse sentido. E isso funciona sempre?

GUNEMA — É melhor acreditar.

TUBOUM — É mais simples fazer as famílias reféns. Lá na minha terra, todos os que partem em missões oficiais deixam as suas famílias para trás e estas são cuidadosamente vigiadas.

KAMINI — Também faço isso. Mas, às vezes, subornam os guardas e conseguem fazer sair as famílias clandestinamente. Há tanta corrupção. Não é possível controlar tudo.

GUNEMA — É possível, com vudu. Daqui consigo supervisionar tudo o que se passa na minha terra. Vejo cada um dos meus súbditos. Aqueles que estão a conspirar, que pensam que podem derrubar-me. Benefacio Gunema consegue vê-los. E vejo as conspirações da minha aristocracia arrogante, os mestiços, vejo tudo. Eles pensam que são superiores a Benefacio porque eu sou negro retinto e venho de família pobre — eu vejo-os. Estúpidos. Ainda não perceberam que alguns

nasceram para governar. Estava lá, havia sinais desde que nasci. Sou diferente dos restantes, esfrego os meus pés nos pescoços deles, mestiços, aristocratas e negros conspiradores, todos. (*O seu olhar fica progressivamente duro, fixando o vazio.*) O poder é o maior vudu, e o vudu é o maior poder. Eu vejo, eu supervisiono todos os meus súbditos – de onde quer que me encontre. Ninguém encena um Golpe de Estado a Gunema e fica vivo para contar a história. Nenhum funcionário público rouba dinheiro a Bonefacio e ninguém deserta quando o mando em missões importantes.

KASCO — Nunca?

GUNEMA — Nunca. Nunca aconteceu. Até noto quando os meus prisioneiros políticos começam a planear uma fuga da prisão.

TUBOUM — Sorte a tua. Só tens uma pequena ilha, facilmente patrulhada por uma canoa ou duas com motor. Tens ideia do tamanho real de Mbangi-Gwela? Nem eu mesmo conheço metade do que por ali existe.

GUNEMA — O tamanho não importa. Eu sei de tudo.

KASCO — Bem, também não tenho problemas de evadidos. Somos franceses. O meu *staff* tem orgulho em ser francês, todos os meus oficiais. Tentar escapar de França – *mon Dieu* – quem é que ouviu falar de tal coisa?

KAMINI — Meus irmãos, vamos comer. Já passou para lá do tempo da refeição. Continuamos a nossa discussão sobre política à mesa, que tal?

À medida que saem, o ESCULTOR olha-os exasperado. Deita para o chão o material com que estava a esculpir e começa a tirar a bata. GUDRUM ficou para trás.

GUDRUM — Quando é que o teu trabalho fica completo? Ou seja, amanhã a que horas?

ESCULTOR — Amanhã a que horas? Está a brincar? Devo lembrá-la de que, quando aqui cheguei, era apenas para esculpir o Presidente, apenas o Presidente. Ninguém disse nada sobre os outros dois. Nem nunca se colocou essa possibilidade – quero dizer, não tenho dúvidas de que eles sejam muito importantes no país deles, provavelmente até mais importantes, mas não causam o mesmo furor que o Presidente Kamin nas manchetes internacionais.

GRUDRUN — Sua Excelência o Presidente convidou os outros. É um gesto fraternal brilhante.

ESCULTOR — Gesto fraternal? Muito bem, não discutio. Os meus patrões não discutem, ou seja, concordaram não concordaram? Mas não esteja à espera que eu

faça milagres quando uma simples escultura de repente se transforma num retrato de família. Um retrato de uma família alargada... Se me permite a piada racista.

GUDRUM — Tem de ficar pronta amanhã, esse é o nosso acordo. Nas conversas que eu tive com os seus patrões em Londres deixei isso bem claro. Suas Excelências descerrarão a obra em conjunto antes do final da sessão da Assembleia Geral — isso é depois de amanhã.

ESCULTOR — Disse-lhes isso em Londres? Tanto quanto me lembro, só lhes disse que gostaria de ver a obra exibida nas Nações Unidas antes de ir para Londres para a nossa própria exposição.

GUDRUM — A vossa própria exposição?

ESCULTOR — Oh, oh, qual é o seu problema? A exposição no Museu de Cera Madame Tussauds. Esse foi o principal motivo que me trouxe aqui, certo?

GUDRUM — Ah, isso. Isso mudou com os acontecimentos. Pensei que fosse óbvio.

ESCULTOR — Meu Deus, óbvio. Não, para mim não é óbvio. E certamente não é óbvio para eles, em Londres. O Museu Madame Tussauds quer abrir a sua nova secção africana — faz parte das celebrações de aniversário. Foi por isso que estabelecemos contacto com a Embaixada. Fomos nós que vos contactámos, lembra-se?

GUDRUM — Falarei novamente com o vosso escritório em Londres. Perceberam tudo mal.

ESCULTOR — Não, a senhora é que percebeu tudo mal. E deixe-me dizer-lhe mais, se as Excelências continuarem a andar para cima e para baixo, como fizeram durante toda esta semana, e a acrescentar mais e mais excelências ao grupo, nunca conseguirei terminar o trabalho, nem mesmo para a nossa própria exposição. Nesse caso é melhor empacotar tudo e voltar para casa porque não estou aqui a fazer nada.

GUDRUM — Por favor, meta uma coisa na sua cabeça. Em primeiro lugar, esta escultura vai ficar em exibição permanente nas Nações Unidas. Em segundo lugar, é melhor que a acabe depressa para que a possamos mudar para lá, o mais tardar, amanhã à noite.

ESCULTOR — Está a dar-me ordens? Cristo, não conhece as regras básicas de funcionamento por aqui, pois não? Não exhibe porcaria de estátua nenhuma neste estado, deste material, não mesmo. Isto é apenas o modelo. No museu Madame Tussauds fazemos um molde de cera e é isso que expomos. Somos um museu de cera. Aqui só entre nós, esta escultura deveria ir para a Câmara dos Horrores — é lá que pertence. É só uma opinião pessoal. Mas, se a quiser exhibir

permanentemente nas Nações Unidas, deve querê-la em bronze ou qualquer coisa assim. Por isso, de uma forma ou de outra, este objeto não pode ficar assim como está nas Nações Unidas, coisa nenhuma.

GUDRUM — Entendo. Então, a sua opinião é que Sua Excelência pertence à Câmara dos Horrores?

ESCULTOR — Oh, oh, não ficou ofendida, ficou? Ah, vá lá... O que é você, afinal? Amante dele? O que é que ele lhe faz, hã?

Sem mudar de semblante, GUDRUM sai apressadamente da sala.

ESCULTOR — *(O seu riso apaga-se abruptamente.)* Oh, meu Deus, espero que ela não vá contar tudo à Embaixadora. Ou mesmo ao próprio Presidente-para-a-vida. *(Estremece.)* P'ró Diabo. Não se atreverão a tocar-me antes de terminar o trabalho. É melhor guardar esta pasta húmida. Nunca se sabe quando terei de retomar o trabalho.

Começa a cobrir a escultura com plásticos. A porta abre-se ligeiramente, mas ninguém entra por momentos. Depois, um corpulento KAMINI entra lentamente.

KAMINI — (*Radiante.*) Então, meu bom amigo, como vai o trabalho?

ESCULTOR — (*Surpreendido.*) Oh, não o ouvi entrar. Er... Para ser honesto, Vossa Excelência, não parece que consiga acabar isto a tempo.

KAMINI — Mas porque não? Tu és um bom trabalhador, gosto de ti.

ESCULTOR — Pois, já que pergunta, Vossa Excelência, vou tentar explicar algo acerca deste ofício. Nem sempre é claro para leigos, entenda-se.

KAMINI — Explicar? Explicar o quê?

ESCULTOR — É sobre esta incumbência, sabe, senhor. Para começar, aquela senhora – não é a Embaixadora, é a outra senhora branca – ela estava ainda agora a dizer-me que a obra teria de ficar pronta amanhã.

KAMINI — Ah, por certo. Tu és um bom trabalhador. Tenho-te observado. Um dia destes vais ao meu país. Eu convido-te. Conheces outros artistas como tu. Locais. Europeus. Todos. Alguma vez viste um Makongo a esculpir?

ESCULTOR — Não posso dizer que tenha, não, Vossa Excelência. Não sou esse tipo de artista. Apenas copio o original, por assim dizer.

KAMINI — Disparate. És um grande artista. Gosto de ti. Diz à Embaixadora para me lembrar de te convidar

para visitar Bugara. Tu e os nossos escultores Makongo podem trocar ideias. Sei que eles vão gostar de ti. Quando eles virem como o Presidente deles gosta de ti, vão gostar de ti como se fosses um membro da família. Vais tornar-te num deles. Talvez até possas casar com uma das miúdas, hein? É bom para a paz no mundo, é o que eu sempre digo. Gosto dos casamentos entre raças.

ESCUPTOR — Será uma honra visitá-lo, Sr. Presidente.

KAMINI — Dr. Presidente, Marechal El-Haji, Dr. Kamini, Presidente-para-a-vida de Bugara.

ESCUPTOR — Perdão, Dr. Presidente. Como eu dizia, será uma honra.

KAMINI — Vais gostar, prometo. Então apressa lá isso, acaba o trabalho e vais como meu convidado especial. É verdade, e a obra está pronta amanhã.

ESCUPTOR — Dr. Presidente, senhor, Vossa Excelência, há algo que tenho de explicar. Quero dizer, o senhor simplesmente não entende.

KAMINI — O que disse?

ESCUPTOR — Sei como é, ou seja, não espero que um leigo entenda. Está a ver, há imensas fases quando se faz uma estátua desta natureza, das que se podem ver em Trafalgar Square ou em Times Square, por

exemplo. Se me permite explicar, tal como estava a dizer àquela senhora...

KAMINI — Está a dizer-me a mim que eu não entendo? Está a dizer a Sua Excelência, Marechal El-Haji, Dr. Kamini, que ele não entende? Está a dizer-me que sou estúpido.

ESCULTOR — Sr. Presidente, juro que não foi essa a minha intenção. Deus é testemunha, se eu puder explicar...

KAMINI — Disseste que eu não podia entender. Isso significa que me achas estúpido. Chamaste-me a mim, seu escultor Makongo vulgar, ao Chefe de Estado, um homem estúpido. Na minha própria Embaixada. Em território soberano de Bugara.

ESCULTOR — (*Resignado.*) Muito bem, Vossa Excelência, não posso negá-lo mais do que já o fiz. Peço humildemente desculpa, o senhor entendeu de forma errada. Juro-lhe. Pode acontecer a qualquer um. O senhor é mais poderoso do que eu, sei que pode fazer queixa de mim e mandar-me embora...

KAMINI — Fazer queixa de ti? Fazer queixa de ti? A quem, seu escultor Makongo?

ESCULTOR — Aos meus patrões em Londres, claro.

KAMINI — (*Rebenta numa gargalhada sonora.*) Fazer queixa de ti aos teus patrões? Para quê?

Talvez possa fazer queixa de ti ao Secretário-Geral das Nações Unidas. Bem, escuta, meu amigo, uma vez que eu gosto bastante de ti vou falar-te do projeto. Senta-te, senta-te...

ESCULTOR — Na verdade, se não se importa, prefiro continuar de pé.

KAMINI — *(Grita.)* Eu disse SENTA-TE.

Rapidamente o ESCULTOR destapa uma das cadeiras e senta-se. KAMINI permanece de pé, a olhá-lo fixamente.

KAMINI — E então? Onde queres que eu me sente?

O ESCULTOR levanta-se, olha em volta para as diferentes cadeiras e finalmente para o cimo das escadas onde estão os tronos.

ESCULTOR — Quer que lhe traga uma daquelas, Vossa Excelência?

KAMINI — Ah, então sempre te lembras que sou Excelência. Bom. Achas bem sentares-te na mesma cadeira que uma Excelência? É assim que entendes o protocolo? Se o teu povo não tem cultura, nós temos.

KAMINI *observa o estado confuso do ESCULTOR, de seguida pega na cadeira onde o ESCULTOR se ia sentar e aponta para o chão. O ESCULTOR rapidamente se agacha. KAMINI está radiante.*

KAMINI — Agora meu amigo, não te parece melhor? Na nossa cultura, o homem jovem jamais se senta ao mesmo nível de um mais velho. Se vieses a Bugara, ou se casares com uma miúda de Bugara, é bom que aprendas alguma coisa da nossa cultura, não é? *(Olha em volta.)* Talvez até seja melhor eu encontrar um lugar muito mais alto do que este. *(Sobe as escadas.)* Além disso, tenho negócios por resolver, por assim dizer. Tenho de matar dois coelhos de uma cajadada só, tal como vocês dizem na língua inglesa da Rainha Isabel, não é? Gosto da Rainha Isabel, a família real é muito minha amiga. É por isso que eu gosto de Gudrum. Ela faz-me lembrar a rainha-mãe.

KAMINI *tira o casaco. Coloca-o cuidadosamente nas costas da cadeira. Desaperta o cinto e dirige-se à porta da casa de banho. Quando chega à porta acena para as FORÇAS ESPECIAIS que aparecem arrastando o prisioneiro, balbuciando e com o cabelo a pingar.*

KAMINI — Esperem cá fora enquanto eu termino o meu negócio privado.

KAMINI é visto a baixar as calças, a sentar-se na sanita, permanecendo visível da cintura para cima. Ele levanta a voz.

KAMINI — Olá meu amigo Makongo, escultor branco, ainda me estás a ouvir?

ESCULTOR — *(O seu olhar cravado na cabeça do PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL DE BUGARA, engole em seco.)* Sim, Vossa Excelência.

KAMINI — Muito bem. É que eu pretendo falar-te do projeto que tenho para a tua escultura. Estou a olhar para a estátua e a pensar que está na altura de cunhar nova moeda de Bugara. Aconteceu o mesmo quando falei sobre isso ao meu Presidente do Banco de Bugara, mas ele preferiu insultar a moeda nacional. Assim, estou a pensar que é tempo de mudar a imagem na moeda e vou usar a da estátua para cunhar a nova moeda. O que pensas disso, hã?

ESCULTOR — Penso que é uma grande ideia, Vossa Excelência.

KAMINI — Pensas que é uma grande ideia, hã? É melhor a estátua de Kamini estar na face da moeda

de Bugara do que na Câmara dos Horrores do Museu Madame Tussauds, não é isso?

ESCULTOR — (*Leva as mãos à cabeça.*) Cristo! Ela disse-lhe! A cabra! Ela foi lá e disse-lhe.

KAMINI — O que estás a dizer, meu amigo? Pensas que Kamini ficaria bem na Câmara dos Horrores, não é? Não é uma coisa bonita de se dizer do Presidente-para-a-vida, o Marechal El-Haji, Dr. Kamini, DSO, VC, LLD, PhD, DSc e por aí fora, todos os títulos de universidades por todo o mundo. Mas gosto de ti. Talvez um dia até te visite na Inglaterra da Rainha Isabel. Mostra-me Londres, levas-me ao Museu de Cera Madame Tussauds e vemos a Câmara dos Horrores onde dizes que Kamini pertence. O que dizes a isso, meu amigo?

O ESCULTOR olha em volta desesperadamente. Levanta-se ligeiramente como se pensasse em fugir; olha para cima, vê as FORÇAS ESPECIAIS a olharem-no atentamente e desiste. A porta abre-se timidamente e a EMBAIXADORA entra. Olha para o ESCULTOR e dirige-se às FORÇAS ESPECIAIS no piso superior.

EMBAIXADORA — Viram Sua Excelência? Não o encontro em lado nenhum.

KAMINI — Quem é?

EMBAIXADORA — Sou eu, Vossa Excelência, procurei-o por toda a parte. Vossa Excelência, os seus convidados estão à espera de —

KAMINI — A senhora! Se não se cuida, despeço-a. Andei à sua procura por toda a parte e agora diz-me que você é que andou à minha procura. Onde esteve este tempo todo? Porque é que não está a cuidar das Excelências, os meus irmãos?

EMBAIXADORA — Vossa Excelência, estive ao telefone com o Secretário-Geral. Ele ligou para o número de emergência para falar sobre o assunto das estátuas de Vossas Excelências.

KAMINI — Não há emergência nenhuma na minha hora de almoço, quantas vezes tenho de lhe dizer isso?

EMBAIXADORA — Mas eu sei disso, Vossa Excelência. Foi por isso que tomei conta do assunto. O Secretário-Geral tem estado em contacto com os russos e com os americanos sobre a proposta.

KAMINI — Muito bem. O Secretário-Geral é um funcionário público, só isso. Eu é que deveria telefonar-lhe, e não ele a mim. Da próxima vez que ele telefonar diga-lhe para marcar hora.

EMBAIXADORA — Sim, senhor.

KAMINI *levanta-se, puxando as calças para cima e aparece a correr o fecho das calças e a apertar o cinto.*

KAMINI — É o melhor que eu posso fazer para já, mas talvez tenha mais para ti depois de almoçar. *(Faz um sinal com a cabeça apontando para a casa de banho. Horrorizado, o PRESIDENTE DO BCB é impedido de se lançar aos pés de KAMINI e, em vez disso, é arrastado para a casa de banho chorando ruidosamente.)*

KAMINI — *(Para a EMBAIXADORA.)* O que está a fazer aí, à espera? Vá e diga às Excelências, meus irmãos, que já vou. Sirva-lhes algumas bebidas.

EMBAIXADORA — Já foram servidas, Vossa Excelência. Vou informá-los de que está a caminho. *(Sai.)*

KAMINI *veste o casaco, ajusta as medalhas e desce as escadas.*

KAMINI — *(Olhando de cima para o ESCULTOR.)* Com que então, nem sequer sabes levantar-te quando um Chefe de Estado entra na sala. É assim que fazem quando a Rainha Isabel ou o Richard Nixon entram numa sala em Inglaterra ou na América?

ESCULTOR — *(Levanta-se atabalhoadamente, confuso e assustado.)* Sinto muito, Vossa Excelência, mesmo

muito. Não sabia muito bem se... Quero dizer, Vossa Excelência mesmo disse para eu me sentar.

KAMINI — Não consegues fazer sentido, escultor Makongo branco. Não fazes sentido nenhum.

O ESCULTOR mantém-se quieto por momentos. Levanta o olhar na direção da casa de banho de onde vêm ruídos muito estranhos. Regressa às estátuas e acaba de as tapar com plásticos. Vai saindo devagar. Mal chega à porta, o seu corpo é forçado a recuar. Um grito abafado é seguido do som de socos e de botas a marchar. Mais gemidos e socos, depois o som de um corpo a ser arrastado pelo chão. No andar de cima, puxa-se o autoclismo.

Segunda parte

Ouvem-se vozes vindas do exterior. Entra um GUARDA que traz uma cadeira igual às três que se encontram no balcão do piso superior. Sobe as escadas e ajeita as cadeiras por forma a caber mais uma. Entra KAMINI seguido dos seus irmãos Chefes de Estado e do SECRETÁRIO-GERAL. KAMINI fala à medida que indica o caminho até ao cimo da escadaria, começa a mexer nas cadeiras, colocando-as a seu gosto, tentando várias posições para as cadeiras-trono. O SECRETÁRIO-GERAL permanece ao fundo das escadas. KAMINI dá todos os sinais de quem almoçou muito bem, palitando os dentes e arrotando de vez em quando.

SECRETÁRIO-GERAL — É uma pena, Vossa Excelência. Não sei bem o que se pode fazer em relação a isso.

KAMINI — O senhor é um homem esperto, Secretário-Geral. Se não fosse, não o teríamos feito Secretário-Geral. Resolve grandes problemas. Não vejo como não consegue resolver uma simples questão de cultura. (*Virando-se para os outros.*) É uma questão de cultura, não é?

KASCO — *Ah, oui. Évidemment.*

GUNEMA — *Si, si, verdadeiramente.*

KAMINI — Ou talvez queira chamar a UNESCO de Paris para resolver o problema.

SECRETÁRIO-GERAL — Penso não ser necessário, Sr. Presidente.

KAMINI — Talvez seja por não ter almoçado? Porque é que não deixou que a minha Embaixadora lhe servisse um pequeno *snack* para almoço? Sabe, às vezes um grande problema que parece ser mesmo GRANDE, GRANDE, desaparece assim, como se nada fosse, quando se come um bom repasto. É verdade que o cérebro está aqui (*Aponta para a cabeça.*) mas, como se diz em Bugara, às vezes quando o corpo está cansado, o cérebro desce até (*Dá palmadas no estômago.*) aqui. (*Ri às gargalhadas, juntamente com os outros três.*)

SECRETÁRIO-GERAL — Bem, folgo em saber que Vossa Excelência está de tão bom humor. Também temos um ditado em Bogotá: “O riso é a tequila que corrói a faca da raiva”. Presumo que Vossa Excelência já não esteja zangado – não, efetivamente essa é uma palavra forte demais – digamos que já não está desiludido com as Nações Unidas.

KAMINI *para de mexer nas cadeiras. Lança um longo olhar estudado ao* SECRETÁRIO-GERAL.

KAMINI — Também há provérbios no seu país?

SECRETÁRIO-GERAL — O Sr. Presidente esquece-se que também somos um país do Terceiro Mundo. Há muito em comum entre as nossas culturas.

KAMINI — Hum... Então vou ensinar-lhe uma outra lição da nossa cultura. Percebeu a que horas chegou aqui à Embaixada?

SECRETÁRIO-GERAL — *(Confuso.)* Não, por acaso não olhei para as horas.

KAMINI — Não, então pense. Tente lembrar-se de quando a Embaixadora o fez entrar, o que é que eu e os meus irmãos Presidentes estávamos a fazer?

SECRETÁRIO-GERAL — Bem, penso que tinham acabado de almoçar. Sim, exatamente, estavam a levantar-se da mesa.

KAMINI — Ora aí está. Em Bugara, um homem que chegue a nossa casa sem avisar, quando se está a começar a comer ou a meio de uma refeição, com a família ou amigos, esse homem é um bom amigo. Ele é bem-intencionado. Mas o homem que chega quando já terminámos, quando as panelas já estão vazias

e se palitam os dentes, esse homem deve ser vigiado. Significa que esse homem te fez algum mal, ou o fará, até ao final do dia.

KASCO — *Ah, oui? Chez nous aussi!*

GUNEMA — *(Acena com a cabeça.)* El Colonel Aranja, ao meu falecido *capitán* do Palácio da Brigada de Guardas, aconteceu isso mesmo com ele. Um dia chegou a minha casa quando a minha família terminava de almoçar... Sim, até me lembro, comíamos *paella* nesse dia. Acabámos de comer, ele entrou na sala de jantar sem cerimónias, queria falar sobre um assunto que dizia ser urgente. Falámos enquanto eu o observava. Nessa mesma noite, sonhei que ele planeava um Golpe de Estado contra mim. Foi preso na manhã seguinte e o tribunal considerou-o culpado. Mandeí-o fuzilar.

SECRETÁRIO-GERAL — Vossas Excelências, vejo que tiveram um bom almoço. Concordamos, então, que tudo isto não passou de um mal-entendido, certo? Prometo encontrar uma solução.

KAMINI — Mas quando, Sr. Funcionário Público de topo?

SECRETÁRIO-GERAL — Naturalmente em tempo útil, Vossa Excelência. Não se pode fazer nada na presente sessão.

GUNEMA — *Caramba.*

KAMINI — O meu povo vai ficar desiludido. O povo negro no mundo inteiro ficará desiludido, especialmente neste país. Todo o Terceiro Mundo se desiludirá. A minha Embaixadora já escreveu o comunicado para a imprensa, todas as cadeias televisivas foram convidadas para registar o dia histórico. Como nos pode fazer isso quando estávamos apenas a ajudá-lo no seu trabalho de transformar as Nações Unidas em algo melhor?

SECRETÁRIO-GERAL — *(Em desespero.)* A ajudar-me! *(À medida que se volta desesperado, nota, pela primeira vez, as estátuas cobertas com plásticos. De olhos esbugalhados, vira-se lentamente para KAMINI e os restantes.)* Dr. Presidente Kamini, é isto que propõe? Que as coloquemos no corredor dos delegados das Nações Unidas?

KAMINI — Ainda não está acabado. O Presidente-para-a-vida General Tuboum acabou de chegar e vai juntar-se ao grupo.

SECRETÁRIO-GERAL — Quando a Embaixadora me falou de estátuas, eu estava a pensar mais em estatuetas.

GUNEMA — Estatuetas? O que é isso?

SECRETÁRIO-GERAL — Pequenas estátuas —

(Indicando uma.) como aquela. Os pequenos bustos que se fazem em fábricas. Para distribuição.

KAMINI — Pequenos bustos?

SECRETÁRIO-GERAL — Como o busto de Beethoven. Ou de Shakespeare. Ou de Lenin. O tipo de busto que se coloca nas prateleiras das estantes.

KAMINI — Os pequenos bustos não são dignificantes para um espaço imenso como as Nações Unidas. Mais tarde farei cópias de pequenos bustos para distribuir pelo meu povo e para vender internacionalmente. Talvez isso traga divisas para Bugara.

SECRETÁRIO-GERAL — Oh, meu Deus. Sr. Presidente, senhor...

KAMINI — Dr. Presidente-para-a-vida.

SECRETÁRIO-GERAL — Desculpe, Dr. Presidente-para-a-vida, voltemos atrás um pouco.

KAMINI — Boa ideia. Quem fez o pedido foi o senhor, certo? Fez o mesmo pedido a todas as nações.

SECRETÁRIO-GERAL — Para a Galeria Internacional, Dr. Presidente, para a galeria internacional das Nações Unidas. Convidei todas as delegações permanentes a trazerem consigo uma obra de arte representativa da sua cultura, uma obra de arte apenas, para ser exibida na Galeria Internacional.

KAMINI — Então, e qual é o problema? Os nossos três países irmãos...

TUBOUM — Quatro.

KAMINI — Peço desculpa, agora quatro. Quatro dos nossos países juntaram-se para presentear as vossas Nações Unidas com uma obra de arte. Qual é o seu problema agora, Sr. Secretário-Geral?

SECRETÁRIO-GERAL — (*Exasperado.*) Já viu o tamanho da Galeria Internacional, Dr. Presidente?

KAMINI — A minha Embaixadora viu e por isso é que ela recomendou um lugar diferente. O cimo da escadaria. No corredor dos delegados. Todos concordámos.

TUBOUM — Eu não fui consultado, mas estou totalmente de acordo com os desejos dos meus irmãos. É seu dever, Sr. Secretário-Geral, vergar-se aos desejos da nossa voz coletiva. Estamos firmemente juntos nisto.

SECRETÁRIO-GERAL — Vossas Excelências, não percebo porque decidiram embaraçar o meu secretariado desta forma.

KASCO — (*Furioso.*) Embaraçar? *Mon Dieu*. Embaraçar? Quem está a embaraçar? Quem criou este constrangimento? É melhor que — um, dois, três, quatro Chefes de Estado fiquem constrangidos ou um *fonctionnaire*, *oui*, mesmo que *haut fonctionnaire*, fique constrangido?

Quer embaraçar-me, *mon ami*, mas isso NÃO VAI ACONTECER — *non, jamais.*

TUBOUM — Afinal, o que diríamos à imprensa? Isso é intolerável.

GUNEMA — Não vamos permitir, não.

KASCO — *C'est de la lèse-majesté, n'est-ce pas?*

KAMINI — Voltemos aos nossos lugares. Temos de dar tempo ao escultor para terminar o trabalho. (*Toca a campainha.*) Passou muito tempo a falar, Sr. Secretário-Geral. É tempo de voltar às Nações Unidas e encontrar uma solução para um problema simples.

Entra a EMBAIXADORA.

EMBAIXADORA — Dr. Presidente?

KAMINI — Diga ao artista que estamos prontos para ele.

EMBAIXADORA — Sim, Dr. Presidente. Ah, e está aqui o Professor Batey. Trouxe um esboço revisto do seu discurso. Quer que ele entre e lhe sumarie o mesmo?

KAMINI — Bom homem, o meu amigo Professor Batey. Diga-lhe para entrar. Ele que nos leia o discurso inteiro enquanto posamos para o artista e ele termina o seu trabalho. Meus irmãos, peço-vos que me deem a vossa opinião sobre o discurso.

Sai a EMBAIXADORA.

TUBOUM — Com todo o gosto.

KAMINI — Sr. Secretário-Geral, talvez também queira ouvir o discurso e contribuir com a sua opinião. Mas tem de me prometer não roubar as minhas ideias. Há muito essa coisa de roubar ideias nas Nações Unidas. Não é bom para a paz mundial.

Entra um GUARDA armado, abre a porta ao ESCULTOR. Este vem envolto em ligaduras dos pés à cabeça. Apenas os braços parecem não ter sido magoados. Os seus olhos mal se veem num rosto mumificado. O SECRETÁRIO-GERAL olha estarrecido.

SECRETÁRIO-GERAL — Mas o que foi que lhe aconteceu?

KAMINI — Ah, a ele? Parece uma figura saída da Câmara dos Horrores. *(Contorce-se de tanto rir.)* Caiu da escada, penso eu. Não foi grave. Cuidámos bem dele. Bem, Sr. Secretário-Geral, espero que trate de tudo nas Nações Unidas.

Ao ouvir as palavras “Secretário-Geral”, o ESCULTOR levanta a cabeça, olha fixamente e coxeia rapidamente

até ele. Tenta falar através das ligaduras, mas só saem sons abafados. Em desespero, tenta arrancar as ligaduras.

KAMINI — Parem esse maldito homem.

O GUARDA apressa-se a prender-lhe os braços atrás das costas, fazendo-o encolher-se de dor. KAMINI desce as escadas de forma precipitada, o seu rosto contorcido pela fúria. No entanto, ao encarar a vítima, os seus modos mudam de repente e esboça um sorriso paternal. KAMINI faz-lhe uma advertência, acenando com o dedo.

KAMINI — Tu és um rapaz maroto, muito malcomportado. Bem sabes que o médico disse para manteres as ligaduras até ao final da semana. Como é que te vais curar se tiras as ligaduras? Tomámos bem conta de ti depois do acidente. Mas se continuas a brincar com o curativo, o que é que acontece? As feridas vão infetar. Talvez a tua perna ganhe gangrena e depois tem de ser amputada. Talvez até a tua cabeça infete e ganhe gangrena também e o médico tenha que a amputar. Queres que a Embaixada de Bugara

seja culpada de não tomar bem conta de ti? Vou-me zangar se tentares isso de novo. Até as múmias egípcias têm mais bom senso.

O SECRETÁRIO-GERAL *olha desorientado para um e para outro.*

SECRETÁRIO-GERAL — Tem a certeza de que ele pode trabalhar? Talvez devesse estar no hospital.

KAMINI — *(Segurando no braço do SECRETÁRIO-GERAL e conduzindo-o até à porta.)* Ele é um artista muito consciencioso. Quer terminar o seu trabalho em tempo recorde para regressar a Inglaterra, para a sua mulher e filhos. Ele é meu amigo e adora o seu trabalho, tal como os escultores Makongo. *(Para o GUARDA.)* Acompanhe o Secretário-Geral aos portões.

Ignorando completamente o ESCULTOR, KAMINI volta para a sua posição ao cimo das escadas e depara-se com o olhar questionador dos seus companheiros. O ESCULTOR arrasta-se de volta ao trabalho.

KASCO — *Mais qu'est-ce qu'il arrive?*

KAMINI — Ele é um homem mau. Um espião. Penso que o Museu Madame Tussauds em Inglaterra é uma

organização de espões, talvez um ramo do MI5 dos Serviços de Inteligência Britânica com o apoio da CIA. Os meus guardas apanharam-no a subir a uma janela com uma escada. Quando o confrontaram, caiu.

TUBOUM — Deverias tê-lo morto imediatamente.

GUNEMA — *Hijo de puta!* É um crime internacional. Expõe-no. Convoca uma conferência de imprensa.

TUBOUM — Para quê? Tudo será desmentido. Ele será renegado. Devas matá-lo e atirar o corpo para a rua.

KAMINI — Talvez o mate. (*Olha afincadamente para o ESCULTOR.*) Vai depender se ele acaba ou não acaba a escultura para ser descerrada nas Nações Unidas. Depois talvez suspenda a execução da pena.

GUNEMA — *Si, si.*

KAMINI — Temos de ensinar todas estas superpotências que não podem mandar os seus espões e fazer espionagem com impunidade. Este é solo soberano de Bugara. Não permitirei que espões estrangeiros escapem. Serão julgados e punidos segundo as leis de Bugara porque estamos em território soberano de Bugara.

KASCO — *Bravo, mon frère, bravo.*

KAMINI — Faz uma boa estátua, e fá-la a tempo, talvez assim eu exerça sobre ti a boa clemência de Bugara. Caso contrário...

A EMBAIXADORA *faz entrar o* PROFESSOR BATEY *que vem carregado de papéis.*

PROF. BATEY — Vossa Excelência, Dr. Presidente-para-a-vida.

KAMINI — Meu bom amigo Professor Batey, seja bem-vindo novamente. E já agora, a partir de hoje, mesmo que eu não esteja, esta embaixada é a sua casa. Pode usá-la como se fosse o seu próprio lar. Sra. Embaixadora, espero que tome boa nota do que eu disse. Quero que o Professor Batey tenha tudo o que quiser a qualquer hora do dia ou da noite.

EMBAIXADORA — Sim, Vossa Excelência. *(Sai.)*

PROF. BATEY — É muita gentileza sua, Vossa Excelência. *(Olha com curiosidade para o ESCULTOR, hesita e parece aguardar instruções.)*

KAMINI — Então leia lá, Professor Batey. Quero ouvir o meu discurso, a forma como soa. Os meus irmãos dirão se eu farei um discurso que impressione.

PROF. BATEY — Claro, Vossa Excelência. Mas, er... *(Olha penetrantemente para o ESCULTOR.)*

KAMINI — Ah, esse é um simples espião, mas agora é um bom escultor Makongo. Como os macacos sábios, ele não ouve, não vê e não fala. Leia o meu discurso, talvez aprenda.

PROF. BATEY — Muito bem, Vossa Excelência. Eu, er... tentei abordar a situação mundial, em geral, especialmente os pontos de conflito e a posição do Terceiro Mundo face a essas mesmas situações de conflito. Lembrei-me das nossas últimas discussões em Bugara, Excelência, em que a sua principal preocupação, acima de qualquer outra, era a total libertação da África do Sul.

KAMINI — Ah, sim. E ainda deve lembrar-se do exercício militar por mar, terra e ar que eu fiz para demonstrar como venceria a África do Sul. Convidei todas as embaixadas. Foi um simulacro sério, já vos digo. Fez com que o Vorster se borrasse todo.

PROF. BATEY — Foi um evento memorável, Vossa Excelência. Não só impressionante como comvente. Todo o envolvimento foi inspirador.

KAMINI — Sim, sim. Mas continue. Leia-me o discurso inteiro. Os meus irmãos querem saber como soa.

PROF. BATEY — Claro, Vossa Excelência. (*Clareia a garganta.*) Sr. Presidente, meus irmãos Chefes de Estado, honoráveis delegados das Nações Unidas...

A EMBAIXADORA regressa. Tosse para chamar a atenção.

KAMINI — O que se passa? Porque vem aqui perturbar o meu discurso?

EMBAIXADORA — Peço desculpa, Vossa Excelência, mas parece que temos uma emergência. Dois membros da delegação russa acabaram de ligar. Ao que parece, o Secretário-Geral tentou convencê-los a aprovarem a instalação das estátuas de Suas Excelências nas Nações Unidas, mas encontrou resistência à pretensão. Por fim, insistiram em vir cá ver a obra de arte pessoalmente antes de tomarem uma decisão.

KAMINI — Muito cuidadosos, esses russos. Mas são meus amigos, sei que me apoiarão. Que entrem, que entrem. E prepare-se para lhes servir o almoço.

A EMBAIXADORA sai.

GUNEMA — Aprovo os russos, mas eles tentaram criar problemas ao meu pequeno país.

TUBOUM — Todos os grandes poderes criam problemas. Só os chineses é que são diferentes. Esses chegam, ajudam a construir caminhos de ferro e fábricas. Trazem a sua própria comida e nunca criam confusão.

KAMINI — Os chineses são meus amigos. Mas não têm dinheiro.

KASCO — Eu digo sempre — *Viva a França.*

PROF. BATEY — E o que dizem Vossas Excelências da América? Nunca dizem nada dos bons velhos Estados Unidos da América.

KAMINI — Oh sim, discutimos o assunto América ao almoço e ficámos todos com indigestão.

Entram DOIS DELEGADOS RUSSOS. Veem a estátua mal entram e ficam paralisados. KAMINI e os outros observam-nos. Os RUSSOS viram-se devagar e fixam os seus olhares nas quatro figuras ao cimo das escadas.

1º RUSSO — *(Falando em russo.)* Cumprimentos fraternais do governo da União das Repúblicas Soviéticas aos ilustres líderes do continente africano.

2º RUSSO — O líder da nossa delegação apresenta os seus cumprimentos fraternais em nome do governo da União das Repúblicas Soviéticas e de seus povos, e afirmamo-nos altamente honrados por estar na presença de, nada menos, do que quatro dos mais ilustres líderes do continente africano.

1º RUSSO — *(Falando em russo.)* Estamos particularmente revoltados com a presença inesperada do

General Barra Boum Boum Tuboum, o bem conhecido representante do neocolonialismo e descarado explorador do seu próprio povo africano.

2º RUSSO — O camarada Rostovich felicita especialmente o General Barra Boum Boum Tuboum pela sua corajosa vitória sobre a conspiração imperialista lançada sobre ele no seu próprio país por representantes e agentes neocoloniais que tentam instalar regimes de marionetas em todo o continente, de modo a permitir a execução dos seus planos despidos de uma contínua exploração dos resistentes povos africanos.

TUBOUM — Veem? Bem vos disse. Até já sabem o nome que o meu povo me deu quando esmaguei os porcos conspiradores.

KAMINI — Eles são nossos amigos. Gosto dos russos. Por favor...

1º RUSSO — *(Falando em russo.)* Como os espíritos do grande Lumumba, Nkrumah, e mesmo Jomo Kenyatta, se devem estar a revirar nos túmulos.

2º RUSSO — O que nos serve de consolação é que, apesar dos diversos malabarismos do mundo ocidental, os espíritos de Lumumba, Jomo Kenyatta, Nkrumah e outros grandes heróis da luta pela libertação do continente africano estarão presentes para sempre.

O PROF. BATEY está a ficar agitado. Parece querer falar, muda de ideias e começa a tirar notas.

1º RUSSO — *(Falando em russo.)* Vamos ao que interessa, a Galeria Internacional.

2º RUSSO — Agora, no que diz respeito à contribuição proposta para a Galeria Internacional das Nações Unidas...

KAMINI — Sim, sim, e o que me diz? Está além, à sua frente. É uma bela escultura, não é? Falta apenas uma figura e o artista prometeu terminá-la amanhã...

2º RUSSO — Sim, Vossa Excelência. O camarada líder da nossa delegação dizia que o Secretário-Geral discutiu o assunto connosco. A nossa posição será afirmada agora.

1º RUSSO — *(Falando em russo.)* Pergunta aí ao bufão se ele realmente acha que merece uma honra que ainda nem ao nosso herói nacional Vladimir Ilyich Lenin foi concedida.

2º RUSSO — Embora não tenhamos qualquer objecção de princípio, a nossa delegação considera que para evitar que as Nações Unidas sejam acusadas de discriminação, é preciso encontrarmos primeiro um lugar de honra apropriado no edifício das Nações Unidas

para a estátua do nosso grande gênio, o construtor da moderna União Soviética, Vladimir Ilyich Lenin.

1º RUSSO — *(Falando em russo.)* OK, já chega de charadas. Dá-lhe a boneca Babushka.

2º RUSSO — Nesse sentido retirámos a boneca Babushka, que era a nossa contribuição original para a Galeria Internacional de Artes e Ofícios, e propomos substituí-la por uma estátua de corpo inteiro do nosso amado e reverenciado Lenin.

1º RUSSO — *(Falando em russo.)* Diz à criança grande que se divirta a rasgar os membros da Babushka em vez dos membros dos desafortunados trabalhadores e camponeses de Bugara.

2º RUSSO — *(Abre a pasta e tira de lá uma boneca.)* Na certeza de que apoiará a nossa proposta, e como lembrança de um outro exemplo de mútua cooperação, temos a honra de o presentear com a boneca Babushka que era, como disse, a nossa contribuição original para a Galeria.

KAMINI *levanta-se e começa a descer as escadas irradiante.*

KAMINI — Meus bons amigos, é claro que têm o meu apoio. E quando regressar a Bugara e disser ao meu

povo como vocês me ajudaram contra aquele funcionário público que estava a criar tantos problemas...

KAMINI *estende o braço para pegar na boneca quando, de repente, o PROF. BATEY se adianta e a tira das mãos do RUSSO para a lançar ao chão. Todos ficam boquiabertos.*

KAMINI — Mas o que significa isto, Professor Batey?
PROF. BATEY — Eu falo russo, Vossa Excelência. Pergunte-lhes o que é que eles realmente disseram. Eu anotei algumas coisas — aqui.

Entrega o bloco de notas a KAMINI. Os RUSSOS trocam algumas palavras, furiosos com Batey.

KAMINI — *(Tirando os olhos do bloco e olhando para os RUSSOS, em fúria crescente.)* Ah! Então Kamini tem mente de criança. Foi isso que disseram? Eu, Kamini, tenho mente de criança e querem gozar comigo? Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado mesmo. Estou a rir, veem, estou a morrer de rir. *(Virando-se para as escadas.)* Veem, meus irmãos? Chamam a Kamini carniceiro. Dizem que eu

sou um carnicheiro, um bufão. Dizem que sou um bastardo reacionário, que mata e tortura o próprio povo. Dizem que, enquanto o meu povo morre à fome em Bugara, eu estou a tentar impor a minha estátua às Nações Unidas. Só sobre o cadáver deles, dizem. Vejam, vou mostrar-vos. *(Sobe as escadas, atira com o bloco aos outros e vira-se para enfrentar os RUSSOS.)* Com que então, não sou digno de limpar os sapatos de Lumumba, é o que vocês pensam. Afirmam que eu penso ser um outro Nkrumah ou Lumumba, mas que todos sabem que eu sou... como era o termo? *(Agarra no bloco novamente.)* Sim, um cretino. Professor, o que significa cretino?

PROF. BATEY — Desculpe, Vossa Excelência. Peça-me qualquer coisa exceto sujar a minha boca com as difamações nojentas que eles proferiram.

KAMINI — Não interessa. Chamaram-me criança mimada e deram-me uma boneca Babushka para brincar. Eu, Presidente-para-a-vida, Dr. El-Haji, Kamini, DSO, VC, PhD, LLD várias vezes, deram-me, a mim, uma boneca russa para brincar. Insultam-me e insultam o meu povo.

Os RUSSOS continuam a protestar, mas os seus protestos são abafados pela fúria de KAMINI.

2º RUSSO — Vossa Excelência, isso é tudo mentira. Este homem deve ser um agente do governo americano. Este é o truque típico do governo dos Estados Unidos para arruinar qualquer relação cordial entre os governos progressistas e os nossos irmãos no Terceiro Mundo.

PROF. BATEY — Como se atreve! Eu detesto o governo americano e o que está a fazer aos nossos irmãos africanos pelo mundo. As minhas credenciais são impecáveis.

2º RUSSO — Ah, claro. Credenciais da CIA. Não haja dúvidas que são impecáveis.

PROF. BATEY — Não vai conseguir distorcer a situação.

1º RUSSO — (*Falando em russo.*) Recorda Sua Excelência do nosso apoio constante na sede das Nações Unidas.

2º RUSSO — Vossa Excelência, pergunte a si mesmo. Se o que este impostor diz é verdade, porque é que o nosso governo lhe deu tanto apoio? Nenhum outro governo vos defendeu tão resolutamente contra as calúnias da imprensa ocidental. No fórum das Nações Unidas, a nossa delegação, liderada pessoalmente aqui pelo camarada Rostovich, votou constantemente contra e ajudou a derrotar as moções injuriosas apresentadas contra o vosso governo pelos regimes imperialistas. Derrotámos todas as tentativas de se instalarem comissões de inquérito com alegações de

genocídio e violação de direitos humanos. Direitos humanos! Denunciámo-los a todos como um bando de hipócritas, que é o que são. Sr. Presidente...

KAMINI — Dr. Presidente.

2º RUSSO — Dr. Presidente, pergunte a si mesmo. Tente resolver a contradição se lhe aprouver.

PROF. BATEY — És muito convincente, mas não vai resultar.

2º RUSSO — Vossa Excelência, quando os Estados Unidos e o Reino Unido retiraram as suas tropas especializadas, nós entrámos em ação e rearmámos as suas forças armadas. Demos-lhes MIGs e treinámos os seus pilotos. Quem é que entrou para treinar as suas forças de segurança, permitindo-lhe eliminar tentativas de golpe atrás de tentativas de golpe? O nosso embaixador em Bugara denunciou três tentativas de Golpe de Estado, pessoalmente. Graças à nossa informação, Vossa Excelência foi capaz de purgar o seu exército de traidores e de colaboradores igualmente traidores dentro do seu próprio gabinete. Isto não passa de uma conspiração miserável, Vossa Excelência. Estamos atónitos e ofendidos que leve as palavras do Professor Batey a sério, nem que seja por um segundo.

KAMINI *começou a deambular pela sala. Olha o PROF. BATEY ameaçadoramente. Este saca rapidamente de um mini gravador do seu bolso do casaco.*

PROF. BATEY — A vossa discussão. Tenho-a toda gravada. Podemos chamar um tradutor independente.

2º RUSSO — Ah! Ele anda por aí com um gravador secreto. Quem é que agora acredita que ele não seja um agente da CIA?

PROF. BATEY — Eu trabalho sempre com um gravador. Vossa Excelência pediu-me que o ajudasse com o discurso a proferir na Assembleia Geral. Naturalmente, fui buscar o meu gravador. Liguei-o quando começaram a fazer pouco de Vossa Excelência.

2º RUSSO — Muito bem. Então vamos chamar um tradutor. Vossa Excelência, rogo-lhe que tome posse da gravação imediatamente para que este homem não a possa adulterar. A CIA é impiedosa nestas operações. Um bom dia para Vossas Excelências.

KAMINI — Onde pensam que vão?

2º RUSSO — De volta para a nossa Embaixada, Vossa Excelência. Faremos um relatório imediato desta situação para que se tomem as medidas necessárias contra este último ultraje da CIA.

KAMINI — Não. Ninguém vai a lado nenhum. Primeiro mandamos chamar um perito independente que faça a tradução da gravação. Depois disso –

2º RUSSO — Lamento não poder esperar tanto tempo, Dr. Presidente. Temos outros assuntos em agenda. Se tiver a amabilidade de ligar para a nossa Embaixada depois de ter conseguido um linguista russo independente...

KAMINI — Não, não vão a lado nenhum. Este assunto é prioritário.

2º RUSSO — *(Em voz baixa.)* Lamento, Dr. Presidente...

KAMINI — Só lamentará se insistir em ir.

2º RUSSO — Sem querer desrespeitar o Sr. Presidente –

KAMINI — Dr. El-Haji, Presidente-para-a-vida.

2º RUSSO — Sem querer desrespeitar o Sr. Presidente, mas isto está a tornar-se ridículo.

KAMINI — Ridículo? Está a dizer que eu sou ridículo?

2º RUSSO — O senhor não...

KAMINI — Eu, Dr. El-Haji, Marechal –

2º RUSSO — Ninguém sugeriu, nem por um momento, que Vossa Excelência é ridículo. Só estou a dizer que toda esta situação presente é ridícula. É ridícula porque estamos preparados para regressar à nossa

Embaixada neste preciso momento, e diz-nos que não é possível. É ridículo porque isso sugere que nos quer manter aqui contra a nossa vontade.

KAMINI — E o que há de ridículo nisso?

2º RUSSO — *(Faz uma pausa enquanto processa o que acabou de ouvir.)* Vai manter-nos aqui à força?

KAMINI — Disse que ficam aqui até eu trazer um perito. Disse que ficam e isso significa que ficam. Chega deste disparate. *(Dirige-se à campainha.)*

PROF. BATEY — *(Começa a ficar alarmado.)* Vossa Excelência, se me é permitido intervir, eu, er... não penso que seja prudente deter estes diplomatas contra a sua vontade.

KAMINI — E porque não? Queremos uma investigação. Assim, todos esperam até que a investigação esteja completa. Há imensa comida e bebida na Embaixada. Até temos *vodka*. Mas não temos caviar.

PROF. BATEY — Por favor, Vossa Excelência, o que eu estou a tentar dizer é que isto pode levar a um incidente internacional sério. Quanto mais tarde eles se queixarem de que ficaram aqui presos contra sua vontade, enfim, toda a comunidade internacional erguerá armas.

KAMINI — Então quer que eles escapem? O Professor é que fez a acusação.

PROF. BATEY — Vossa Excelência, não quero que eles escapem, nem nada disso. A evidência está aqui. Só quero expor a verdade, mas há a questão do tratamento diplomático, Excelência.

KAMINI — Então deixa que eles esperem e ouçam a verdade. Todos, incluindo aqui os meus irmãos. Todos esperamos.

2º RUSSO — Isto não pode continuar. Insistimos em sair.

PROF. BATEY — Deixe-os ir, Vossa Excelência. É uma questão de direito internacional...

KAMINI — Direito internacional! Eu conheço a minha lei internacional tão bem como qualquer outro, até melhor que professores. Este território é de Bugara. É solo de Bugara, aqui onde está situada a Embaixada. Significa que qualquer um aqui está sujeito à nossa lei. Qualquer um incluindo os diplomatas que abusam e insultam o Presidente vitalício de Bugara. Mesmo que fosse o Presidente dos Estados Unidos que viesse aqui abusar da nossa hospitalidade, ficaria sujeito à lei de Bugara. *(Virando-se para os colegas.)* Não é assim?

OS TRÊS — *(Dubiamente.)* Si, si. Oui, oui. Mas com certeza.

KAMINI — *(Pressiona furiosamente a campainha.)* Onde está a Embaixadora? Desaparece sempre quando

preciso dela. Professor, procure-a na sala de jantar, por favor. Talvez esteja a encher os ouvidos de comida.
PROF. BATEY — Com certeza, Vossa Excelência.

A porta abre-se mesmo antes de o PROF. BATEY chegar até ela e entra um GUARDA com uma folha de papel dobrada na mão.

KAMINI — Tu. Onde está a Embaixadora?

GUARDA — Ela deu-me isto para lhe entregar, Vossa Excelência.

KAMINI — Porque é que ela não a trouxe? Ela sabe perfeitamente que eu gosto que me traga tudo pessoalmente. Onde está a idiota? (*Descendo as escadas.*)

GUARDA — Não sei, Vossa Excelência. Ela entrou apressada, deu-me isto e instruiu-me no sentido de esperar dez minutos antes de a apresentar a Vossa Excelência.

KAMINI — Dez minutos? Mas para quê essas instruções tão parvas?

GUARDA — Ela disse que Vossa Excelência estava a ter discussões sérias com a delegação russa e que não deveria ser interrompido por, pelo menos, dez minutos.

KAMINI — Está bem, traz cá isso. Não consigo ensinar nada a estas mulheres.

KAMINI *pega no papel, que se revela um fax, e abre-o. Lê. O seu rosto endurece quando olha para cima.*

KAMINI — Vaca. Mulher bastarda. Ela disse-te para esperares dez minutos? Para que ela pudesse esvaziar os cofres da Embaixada e fugir? Vaca bastarda, quer abandonar o que pensa ser um barco a afundar, hã? Vou mostrar-lhe. Chama as minhas forças especiais e fecha os portões. Convoca toda a gente. Matem qualquer um que pretenda sair. Ninguém deixa esta Embaixada. *(Amassa o fax e atira-o para o chão.)* Vou mostrar-lhes. Vou mostrar-lhes que ninguém brinca com o Presidente-para-a-vida, Dr. El-Hajid, Marechal Kamini. A partir de agora estou pessoalmente ao comando desta Embaixada. Filhos de um rato sujo imperialista, vou mostrar-lhes. *(Desata a gritar.)* E mantenham toda a gente longe dos telefones. Qualquer um que tente telefonar leva um tiro na boca!

Alguns momentos de silêncio depois da saída de cena de KAMINI. As cabeças coroadas entreolham-se, depois voltam o olhar para o papel amassado no chão.

KASCO — *Monsieur le professeur*, por obséquio, talvez possa desamassar essa missiva e ler-nos o conteúdo.

PROF. BATEY — (*Aproxima-se cautelosamente do papel, apanha-o e alisa-o*). Meu Deus. Houve um Golpe de Estado em Bugara.

O PROF. BATEY *olha estarecido em frente, um semblante angustiado*.

PROF. BATEY — (*Afirma com determinação.*) É altamente injusto! (*Cobre o rosto com as mãos, escondendo o olhar.*)

KASCO — (*Depois de uma troca de olhares com os seus companheiros.*) Pensam que é um começo epidémico?

GUNEMA — Como assim?

KASCO — Analisa a situação. Primeiro Tuboum, agora Kamini. Quem a seguir?

GUNEMA — Achas que há alguma conspiração? Por ocasião de uma Assembleia Geral, haverá perigo para todos os Chefes de Estado ausentes dos seus países.

TUBOUM — Oh, penso que é só uma coincidência. Tentativas de Golpe de Estado são tão frequentes como as cheias ou as secas no continente.

KASCO — Mesmo assim, acho que vou dar ordens para umas quantas detenções. *Il faut décourager les autres.*

GUNEMA — Eu mandei prender logo uns quantos antes de deixar o país. E as respetivas famílias, quando a suspeição se tornou mais forte.

KASCO — Acho que vou mandar um *fax*. A imitação é a ambição das mentes pequenas. E tenho muitas no meu império.

PROF. BATEY — (*Num acesso repentino de raiva.*)
Escravizados. Sacrificados. Devotam toda a vossa existência, dia após dia, hora após hora, sem descanso, sem abrandamentos, sem distrações, a unir num só povo centenas de tribos, línguas, culturas, religiões, animosidades e suspeições. Privados de tudo, injuriados, sabotados e subvertidos pelas forças estrangeiras, de cujas mãos exploradoras vocês arrancaram o vosso povo, puseram fim a séculos de dominação, às vezes pelas armas, mas sempre com uma parcela de heroicas lutas, prisões, torturas e deportações. Guerras de libertação ao lado dos vossos povos, muitas vezes com armas rudimentares contra o armamento mais sofisticado e letal vindo das fábricas diabólicas. Novos pesadelos de destruição, minas antipessoais, feixe de bombas, gás lacrimogéneo e um sem número de bárbaries do armamento químico. Ainda assim, vocês resistiram, não dando tréguas, dizendo apenas que

não, cantando, porque o nosso povo eleva as suas almas cantando na adversidade — esta terra é nossa, havemos de recuperá-la. A sua riqueza é do povo, havemos de renová-la. E a dignidade, a dignidade inerente a cada homem, mulher e criança, havemos de guardá-la em relicário. O invasor foi expulso, mas será que a batalha terminou? Não. Descobre-se que a ganância ainda está nos seus olhos e eles regressam com novo armamento camuflado, arrancando das vossas mãos os frutos do trabalho do vosso povo. Eternamente vigilantes, filtrando através das decepções da diplomacia e das armadilhas de uma confessa amizade, asseguram-se que o lobo de ontem não se apresente como o cordeiro de hoje. E, às vezes, mesmo o povo que servem vos trai, essa é a ferida mais aberta. Pagos ou simplesmente enganados, cegos pela sua própria ganância ou incapazes de transcender a mesquinhas lealdades de clãs, abandonam as vossas visões grandiosas para desaparecer debaixo das montanhas dos vossos sonhos. Pensam que a nossa experiência é diferente, nós do continente mãe colocados aqui como escravos? Tivemos um homem, um rei entre os homens que, em tempos, declarou “Tenho um sonho”. Revelou que também ele estivera no cume da montanha dos

seus sonhos, a vossa montanha, a Kilimanjaro do subconsciente de qualquer homem negro...

Ao longo do seu discurso, o PROF. BATEY é olhado de forma perplexa pelo trio. Finalmente KASCO faz um movimento para o parar.

KASCO — *Monsieur le Professeur...*

PROF. BATEY — Foi deitado abaixo pelas balas de um assassino.

KASCO — *Ah oui*, temos sempre de nos proteger das balas.

PROF. BATEY — Vocês não estão a entender. Foi uma conspiração. E numa outra conspiração, quem pensam que puxou o gatilho que abateu Malcom X? Quem forneceu as armas?

KASCO — *Encore, oui Monsieur le Professeur. Il faut toujours sauvegarder les fusils.* Entende? É uma exposição interessante e daria um debate deveras estimulante, mas neste momento é importante que eu envie instruções ao meu país acerca das armas. Tenho de os proteger de potenciais rebeldes. Por favor, vá-me chamar a Embaixadora.

TUBOUM — Esqueces-te de que ela fugiu.

KASCO — *Ah, oui.* E talvez grande parte do *staff* da Embaixada.

TUBOUM — Oh, até aposto. A esta hora as notícias já se espalharam.

GUNEMA — Ratos! Abandonam o navio quando naufraga. Desprezo-os.

KASCO — (*Levanta-se.*) Tenho o meu ajudante na antecâmara. Faça-me a gentilha de mo chamar, *Monsieur le Professeur.*

PROF. BATEY — (*Contrafeito.*) Com certeza, Vossa Excelência. (*Falando para si mesmo.*) Pérolas a porcos. Salvar a pele é tudo o que lhes importa agora. (*Ao passar pelos russos, para.*) E vocês são iguais. Cínicos. De qualquer maneira, não se importam, pois não?

2º RUSSO — Somos pragmáticos. Deveria tentar sê-lo um dia destes.

PROF. BATEY — Pragmáticos, hã? Tenho uma outra palavra para isso, mas não os incomodo agora.

2º RUSSO — Sr. Professor, fiquei curioso em saber que palavra seria essa. Pode ter a certeza que, ao contrário do seu herói destronado, nós não nos melindramos.

PROF. BATEY — Pensei que chegassem lá – oportunistas.

2º RUSSO — Só isso? Esperava algo pior. Mas, na verdade, Professor, sejamos práticos. Como vê, a

situação mudou. O Marechal Kamini já não poderá dar qualquer uso à gravação, que não passa agora de uma inútil peça de potencial embaraço...

PROF. BATEY — Está a contradizer-se. Se é inútil, então não tem qualquer potencial para coisa alguma.

2º RUSSO — Não tenho tempo para jogos de palavras, Professor. Dê-nos a gravação. Já não tem qualquer valor para Kamini a quem diz efetivamente respeito.

PROF. BATEY — (*Estuda-os com o olhar durante uns momentos.*) Não é interessante? Apoiaram este homem no poder durante anos com a mais sofisticada das artilharias. Treinaram os seus serviços secretos e perdoaram-lhe os chamados atos de repressão contra o seu povo. Mas bem lá no fundo, desprezam-no.

2º RUSSO — Sim. É um carneiro comum. Estávamos a par. Os nossos homens recebiam regularmente relatórios sobre ele, e não eram apenas relatórios feitos por ocidentais. De qualquer forma, não fomos nós que o criámos — foram os britânicos. Mantiveram-no no poder, apoiados pelos americanos. Depois discordaram. O pupilo tinha superado o mestre. Foi quando entrámos para preencher o vazio. Já admiti, Professor, somos pragmáticos. A nossa política nessa parte do continente exigia que o mantivéssemos no poder. Mas então, e o senhor?

PROF. BATEY — Então eu o quê?

2º RUSSO — Vá lá, Professor, não seja ingênuo. Já visitou Bugara. É um intelectual, conheceu muitos colegas em Bugara. Progressistas, comprometidos com a causa do socialismo – autênticos socialistas, não retóricos. Falou com eles. Certamente que os encontrou um dia e percebeu que tinham desaparecido no dia seguinte. Os seus corpos devorados por hienas ou a boiar no rio Nilo. Pensou, verdadeiramente, que tudo isso era obra da propaganda ocidental?

PROF. BATEY — Vocês afirmavam que era. Gritavam-no bem alto nas Nações Unidas.

2º RUSSO — Qual foi a palavra que usou, Professor? Oportunismo. É nosso dever desacreditar a imprensa ocidental quando esta tenta desacreditar a forma como fazemos política. Os poderes ocidentais fazem o mesmo – porque não? E o senhor? Está aqui para escrever um discurso para este... er... líder heroico. Mas, e os camponeses e trabalhadores que ele destruiu a gosto? Também escreve discursos em nome deles?

PROF. BATEY — Ele é o produto das condições económicas e históricas do nosso povo no continente. O nome “monstro” não se aplica – vocês, melhor que ninguém, deveriam ser os primeiros a reconhecer

isso. Sabem que é à história colonial que devem ser assacadas responsabilidades por todas as pretensas aberrações cometidas pela liderança africana.

2º RUSSO — Estou a ver. Promoveram esses pontos de vista entre os sobreviventes das políticas de Kamini nas vilas e cidades de Bugara?

PROF. BATEY — Não, não tive oportunidade de —

2º RUSSO — Talvez na sua próxima visita. Bem vê, Professor, também não acreditamos que existam virtudes eternas. Como a honestidade. É uma ficção. A nossa honestidade intelectual, torna-se, mais tarde, num refinamento burguês. Entre a nossa posição e a vossa... o que dizer? A gravação, por favor.

PROF. BATEY — Suponho que haja mão vossa neste Golpe de Estado. Talvez por isso tenham tido tanto prazer em insultá-lo diretamente.

2º RUSSO — O meu governo não interfere nos assuntos internos das outras nações. Mas parece não haver mais nenhuma razão para qualquer coisa que não seja a franqueza. Pode dizer-se que se tornou necessário abandoná-lo à sua sorte. A sua presença no poder já não coincidia com os nossos interesses.

KASCO — *Monsieur le professeur, je vos implore...*

PROF. BATEY — Perdoe-me, Excelência. Estou a caminho. (*Para o RUSSO.*) Descansem. Eu tirei notas

efetivamente, mas nunca me ocorreu ligar o gravador. Não há nenhuma gravação. (*Sai.*)

KASCO *afunda-se na poltrona com um suspiro e fecha os olhos. Os outros dois também estão ocupados com os seus próprios pensamentos. Os RUSSOS entrecolham-se e chegam a uma decisão. Um deles abre ligeiramente a porta, espreita e chama o outro com um aceno. Saem. O ESCULTOR continua a trabalhar.*

KASCO — Formigas, formigas, o que é que elas entendem? Roem a cadeira do poder. Moscas, moscas, o que é que lhes interessa? Pairam sobre a carne vermelha do poder. O sangue atrai-as, mas o que é que fazem com a carne? Nada. Deixam larvas que empes-tam a carne. Enxota-las, elas fogem, zumbindo de forma barulhenta. O que é que podem fazer? Nada. Mas se viras costas, elas voltam – bzzz, bzzz, bzzz, bzzz. O poder é o vento forte que as afasta. Quando o vento acalma, quando a vela do poder não está içada, elas regressam. Por isso, é melhor esmagá-las logo. Não as enxotes, não. Esmaga-as, assim poupas chatices.

GUNEMA — *Zombies*. Transformem-nos em *zombies*. É melhor. Qualquer tolo entende o governo, mas o

poder! *Amigos*, isso é um *privilegio*. Controlar o outro, homem ou mulher. Nem que seja por um minuto. Nem todos entendem isso. Quando controlas da nascença até à morte, quando o outro, homem ou mulher, sabe, quando milhares ou milhões sabem – nesse momento eu controlo o teu destino, desde o momento dessa consciência até ao final da tua vida, isso sim é poder. Até um animal entenderia o poder, até um inseto. Estudei as colónias das formigas no meu quintal. Sentava-me no chão à noite, meditava, sentia o meu poder e via os insetos. É muito útil. Não sou sentimental.

TUBOUM — Eu gosto de ver o medo nos olhos do outro. Se ele for meu inimigo é satisfatório, mas não tem muita importância. Se ele for meu amigo é melhor. Mesmo do que com um estranho. Porque o que eu vejo é esse estranho dizendo a si mesmo: “Tuboum não me conhece, não sou nada para ele, então porque é que ele me faria mal?”. Mas ele tem medo, eu sei. Posso vê-lo nos seus olhos. Entro numa aldeia onde ninguém me conhece mas, no momento em que eu chego, eu e os meus leopardos listrados – o chefe da aldeia, as suas mulheres, o padre, o curandeiro, todos têm medo. Às vezes, pergunto-me que medo é esse que eu vejo? Será que estiveram a considerar uma traição? Será que têm mantido

reuniões secretas com as tribos rebeldes Shabira? Mas sei que não é o caso. Eles têm medo, simplesmente. Barra Tuboum espalha o medo entre eles.

GUNEMA — Li uma vez num livro – penso que o autor é Don Guadajara – ele escreve que o poder é um elixir. Assim pergunto-me, como é que eu provo este elixir, como? É aí que eu recorro ao vudu. Com o poder do vudu faço muitas coisas, muitas coisas impossíveis ao homem comum mas, ainda assim, sei que não provo o elixir. Se o provasse, saberia. Assisto à execução desses *mesquinos* que pensam que querem o meu poder. São fuzilados, enforcados, estrangulados, mas mesmo assim não provo o elixir. Vejo quando uns *zombies* torturam outros *zombies* mais fracos, adoro os seus gritos de dor, o próprio terror antes de a dor começar. Em alguns, vejo as forças transformarem-se em fraquezas, ficam que nem bebês, homens fortes a chorarem como mulheres e implorando que sejam mortos em vez de submetidos a mais sofrimento. Dá a sensação de poder mas, ainda assim, não sinto o sabor do elixir.

KASCO — É impossível, *mon ami*. Persegues um fogo-fátuo.

GUNEMA — Ah, mas é possível. Finalmente aconteceu, digo-te. Foi assim. Sentenciei um homem à

morte que suspeitei conspirar contra mim. Enquanto estava na cela dos condenados, a sua mulher veio a minha casa implorar por ele. Esperou o dia inteiro e, quando eu ia jantar, passou a correr pelos meus guardas e lançou-se às minhas pernas, tive pena dela. Assim, convidei-a para jantar com a minha família. Bem, vou tornar breve uma longa história. Contei-lhe o que o marido tinha feito, que era um inimigo do estado, que o tribunal estava certo em condená-lo à morte. Ela chorou e chorou, senti pena dela, mas a justiça é o vão rígido do poder, não deve ser vergado. A minha mulher permaneceu em silêncio, ela sabe que não deve interferir em assuntos de Estado. Naquela noite, depois de a minha família se retirar, levei-a para a cama. Talvez ela pensasse que dessa forma eu suspendesse a execução do marido, não sei. Também não discutimos o assunto. Peguei na mão dela e ela seguiu-me até ao meu quarto privado. Quando fiz amor com ela, saboreei finalmente o elixir. É um sabor forte que fica na língua, nos lábios, no rosto, em todo o lado. Percorreu a minha espinha, infiltrou-se na pele e reconheci aquele sabor esquivo e irresistível. Todas as noites fiz amor com aquela mulher, o mesmo sabor, a nada comparável. Nada.

KASCO — Então suspendeste a execução do marido?

GUNEMA — Oh não, isso não podia ser. Ele foi enforcado no dia marcado. Eu mesmo puxei a alavanca. Por essa altura, já a mulher se tinha afeiçoado a mim e ainda nos encontrávamos e fazíamos amor. Mas o sabor já se tinha ido. Depois de o marido ter morrido, o sabor desapareceu e nunca mais voltou.

TUBOUM — Gosto da história. Gosto muito da história.

GUNEMA — É uma história verdadeira, *amigo*.

KASCO — *C'est formidable. Formidable.*

TUBOUM — Gosto da história. Então a mulher ficou tua amante. Durou muito?

GUNEMA — Não por muito tempo. Depois de o sabor se ter desvanecido, tinha de fazer algo. Comecei a recluir-me que ela estivesse a conspirar contra mim para se vingar da morte do marido. Perguntei-me porque é que ela ainda permaneceria minha amante? Mandei-a estrangular. Foi melhor assim. Mas é uma história triste, não é?

Derepente, a porta abre-se violentamente e os RUSSOS regressam, dirigem-se a uma esquina e tentam esconder-se. Momentos depois, dois DELEGADOS AMERICANOS são empurrados para dentro por GUARDAS armados, seguidos por KAMINI que

também enverga uma metralhadora que aponta aos dois cativos. Estes são encostados à parede, ao fundo. O PROF. BATEY entra por último de forma penosa.

KAMINI — Sim, está a começar a fazer sentido. Em primeiro lugar, o Banco Mundial recusa um simples empréstimo. Depois o Secretário-Geral! Kamini nunca se engana. Soube-o desde o momento em que ele chegou depois de terminarmos de jantar, quando estávamos a palitar os dentes e não restava mais nada nas travessas a não ser ossos. Eu disse, sim, os abutres estão reunidos algures. Há algo de podre no ar, alguém está a abusar de Kamini ou a conspirar contra ele. Agora sei que o Secretário-Geral estava de conluio com o Banco Mundial. E pensar que eu até gostava daquele funcionário público. Sempre pensei que fosse meu amigo.

DELEGADO AMERICANO — Mas ele é, Vossa Excelência. Viemos na mesma missão.

KAMINI — Sim, e eu não disse? A mesma missão. Ele veio, espionou e insultou Kamini na cara. Saí e apanhei-te sentado no meu átrio a confidenciar com o pessoal da Embaixada.

DELEGADO AMERICANO — Estávamos à espera há uma hora, Sr. Presidente. Mantiveram-nos em espera

durante uma hora e nós esperámos pacientemente que Vossa Excelência terminasse o assunto com os Russos. Viemos assim que o Secretário-Geral levantou a questão das estátuas. Apoiámos totalmente a ideia.

KAMINI — Que estátuas? Ah, pois, esqueci-me completamente das estátuas. (*Retira-se para o lado e permanece perdido nos seus pensamentos durante uns momentos.*)

DELEGADO AMERICANO — Não queríamos que os russos ficassem com os louros de ter fomentado o esquema. Apressámo-nos a vir o mais cedo possível, mas os Bolshies esgueiraram-se primeiro – como sempre. A vossa Embaixadora recusou-se a anunciar-nos, manteve-nos no átrio. O que é que podíamos fazer? Esperámos pacientemente. Depois, tudo começou a ficar confuso. A vossa Embaixadora entrava e saía como se a Embaixada estivesse a pegar fogo, depois os guardas entraram e cercaram-nos a todos. Quisemos ir embora, mas foram-nos apontadas armas e foi quando Vossa Excelência entrou, também armado... É um procedimento muito pouco diplomático, Excelência. Suponho que deva haver uma explicação.

KAMINI *continua perdido em pensamentos.* Os DELEGADOS AMERICANOS *olham em volta e*

ficam perplexos com a presença das outras três figuras coroadas.

DELEGADO AMERICANO — Santo Deus. Estão cá todos. Mas o que é que se passa, afinal?

PROF. BATEY — Não ouviu? Que houve um Golpe de Estado?

DELEGADO AMERICANO — (*Horrorizado.*) Aqui? Nos Estados Unidos?

2º RUSSO — (*Divertido.*) Oh, pensa que tal é possível num país democrático, forte e poderoso?

DELEGADO AMERICANO — Não seja tão complacente. Um dia destes acontece lá no seu país.

2º RUSSO — Jamais.

DELEGADO AMERICANO — Espera você. Então, é em Bugara. Quando foi isso?

Todos os olhares se viram para KAMINI.

KAMINI — (*Ainda meio ausente.*) É uma pena. É uma pena que eu tenha deixado escapar aquele funcionário público. Ele é que causou o golpe. É um golpe da autoria das Nações Unidas, patrocinado pelas superpotências em conjunto com o Banco Mundial.

E isto porque Kamini não é nenhum escravo. Disse aos britânicos: vão bugiar. Disse aos americanos: vão bugiar. Depois vieram os russos. Também pensavam que eram donos de Kamini. Também lhes disse: vão bugiar. Agora criaram um Golpe de Estado. Todos, em conjunto. Não se atreveram a enfrentar Kamini, de homem para homem, de um para um, em Bugara, por isso criaram um Golpe de Estado com todas as superpotências das Nações Unidas. É uma pena que eu não tenha aqui o seu representante, aquele funcionário público de topo que eu julgava meu amigo. Bem sei o que lhe faria, sob a lei de Bugara.

Os dois delegados trocam olhares nervosos.

2º RUSSO — Sr. Presidente –

KAMINI — Dr. Presidente-para-a-vida!

2º RUSSO — Dr. Presidente-para-a-vida, quero assegurar-lhe que de todas as vezes...

KAMINI — Sim, sempre assegurou a Kamini. Sempre assegurou tudo ao Presidente-para-a-vida de Bugara e, no entanto, encenou um Golpe de Estado. O vosso KGB toma conta da minha segurança, não é assim?

DELEGADO AMERICANO — Talvez eu possa ajudar, Marechal Dr. El-Haji. Não precisa de recear porque o governo americano vai identificar esses rebeldes que tomaram o poder – quem quer que sejam. No que diz respeito à minha delegação, o Chefe de Estado de Bugara está aqui à minha frente, nesta Embaixada. A minha delegação irá certamente insistir para que Vossa Excelência se dirija amanhã à Assembleia das Nações Unidas conforme planeado. E, é claro, a proposta que trazíamos a Vossa Excelência no que concerne à exposição da vossa estátua, mantém-se. Tem todo o nosso apoio. A única condição que impusemos para que tivesse o nosso apoio, foi que fosse dada à estátua do nosso próprio fundador da nação, George Washington, o apropriado –

KAMINI — (*Agitando a arma perigosamente.*) Ouviram? Estão sempre a impor condições. Todos impõem condições. Quem teve a ideia primeiro? Então porque me vêm com condições? Foi ideia do Marechal Dr. Kamini, não foi? Impõem condições porque não querem ver a estátua de Kamini exposta nas Nações Unidas. Enquanto vêm aqui negociar as condições, planeiam o Golpe de Estado. Disseram ao Banco Mundial: “Nada de empréstimos a Kamini”. É o

truque rebuscado das superpotências, sabemos bem. Quando agendam uma conferência, e todos estão a discursar às mesas, vocês subvertem os discursos e distribuem armas para todos os lados. Enquanto discursam sobre o desarmamento, constroem mais bombas atômicas. Porque é que não me deram uma bomba atômica quando vos pedi? Porquê? Respondam-me. Disse-vos que queria destruir a África do Sul. A África do Sul pratica o *apartheid*, o que é errado. Então eu quero combater a África do Sul, mas a África do Sul tem uma bomba atômica. Implorei por uma bomba atômica, a todos vós. Vocês sorriram. Pensaram que Kamini era um tolo...

2º RUSSO — Vossa Excelência, seja sincero. Queria a bomba atômica não só para a África do Sul, mas para usar contra o seu vizinho, o Presidente de Hasena. E ele é nosso amigo. Um bom amigo socialista. Estávamos num dilema. Colocou-nos numa posição difícil. Armámos o Presidente de Hasena, mesmo sendo nosso amigo, com uma bomba atômica? Veja o exemplo de Cuba, outro grande amigo nosso e vosso, demos-lhes a bomba atômica?

KAMINI — Está mal. Está muito mal que não tenham dado a Cuba a bomba atômica. Cuba ajudou-nos

em África. Cuba é amiga. Gosto de Cuba. Gosto imenso de Fidel Castro. É um homem simpático. Na verdade, se Fidel Castro fosse uma mulher, casava com ela, mas tinha que se barbear primeiro. Porque é que ele usa uma barba daquelas? Parece um guerrilheiro. Não gosto de guerrilheiros. São pessoas más, *kondo*, sempre a arranjar sarilhos.

DELEGADO AMERICANO — Precisamente, Vossa Excelência. Eles fomentam problemas, cúmplices dos poderes do Leste, sem discriminação.

2º RUSSO — E o que dizer de El Salvador, hã? E dos bandidos capitalistas em Nicarágua?

KAMINI — No meu país, todos os ditos guerrilheiros são bandidos, ladrões armados. Quando os apanho, levo-os às respetivas famílias. Ou enforco-os em árvores. É a única maneira de parar essa sífilis guerrilheira importada dos países ocidentais.

Os RUSSOS *sorriem afetadamente para os* AMERICANOS.

TUBOUM — *Camarade* Marechal, qual é o plano?

KAMINI — Plano? Que plano?

KASCO — *Oui, il faut prendre la décision.* O que fazer agora? Onde está o meu ajudante? Tenho de

mandar uma mensagem imediatamente ao meu chefe de segurança. Talvez algumas cabeças tenham que rolar, *pour décourager les autres*, entendes? A rebelião é uma doença contagiosa, *n'est-ce pas?*

KAMINI — (*Olha para ele, observa os outros.*) Ninguém vai a lado nenhum. Não é seguro. Vou mandar chamar o Secretário-Geral.

Comunicação silenciosa entre as cabeças coroadas.

TUBOUM — Mas, meu irmão, quando dizes que ninguém sai, isso certamente não inclui a nossa – comitiva.

Os olhos de KAMINI percorrem nervosamente os presentes.

KAMINI — Ninguém – sai. Se alguém sair agora, eles fazem propaganda. Vão dizer mentiras, que os amigos de Kamini o abandonam quando em apuros. Não é bom para nós.

PROF. BATEY — Oh, meu Deus. Meu querido, respeitado, Marechal, Dr. Presidente, se me é permitido um conselho. Numa crise destas, a solidariedade com base na boa-fé é absolutamente essencial.

KAMINI — Isso, solidariedade. Eu acredito na solidariedade. Os meus irmãos estão comigo. Fazemos uma estátua em conjunto para as Nações Unidas. É por isso que ninguém sai.

Ouve-se uma tímida explosão, muito próxima.

KASCO — *Au mon de Dieu.*

GUNEMA — O que aconteceu? Estamos sob ataque!

TUBOUM *esgueira-se para debaixo da cadeira mais próxima. Ouvem-se passos apressados até à porta. Entram as FORÇAS ESPECIAIS, trajadas de fato.*

FORÇA ESPECIAL — Vossa Excelência, a sala forte está aberta.

KAMINI — Bom trabalho. A traidora, a Embaixadora, levou a combinação do depósito de armas com ela, mas nós rebentámos com a porta. Tirem toda a artilharia pesada e posicionem-na em torno da Embaixada. Tragam para dentro duas metralhadoras, lança-granadas, lança-foguetes. Armadilhem todas as portas e janelas. Se alguém invadir, mandamos tudo pelos ares. Não tememos morrer como homens.

FORÇA ESPECIAL — *(Bate continência.)* Vossa Excelência, as suas ordens serão cumpridas.

KAMINI — Cerquem todo o edifício com arame. Quando Kamini disser “bum”, que tudo faça “bum”.

FORÇA ESPECIAL — Entendido, Vossa Excelência.

Saem as FORÇAS ESPECIAIS. O alarme soa por todo o lado, mas é contido. TUBOUM sai de debaixo da cadeira.

KAMINI — Não se atreverão a atacar este lugar. Tenho aqui ambos os líderes da delegação russa e da americana. Não se atreverão a atacar.

DELEGADO AMERICANO — Estimada Excelência, dou a minha palavra em nome do governo americano, em como todo o solo das embaixadas estrangeiras é sacrossanto. É claro que ninguém sequer sonharia atacá-lo. Se tal aberração improvável acontecesse, os Estados Unidos defenderiam a sua soberania.

KAMINI — Vejo para além dos vossos truques. É uma conspiração das Nações Unidas. Se os russos concordarem com a linha de ação, vocês vão permitir que os rebeldes tomem conta do meu quartel-general. Já acertaram tudo entre vocês. Não vos interessa

mais ninguém. É uma pena. Se pelo menos o vosso funcionário público de topo estivesse aqui.

Entram GUARDAS em uniforme com metralhadoras e outra artilharia pesada. Seguem-lhes as FORÇAS ESPECIAIS.

KAMINI — *(Dando indicações.)* Uma metralhadora lá em cima na varanda, junto às janelas. O lança-foguetes pela porta da casa de banho, além na janela que dá para o parque de onde se avista o edifício das Nações Unidas. Se formos atacados aqui reduziremos as Nações Unidas a cascalho, depois explodimos a Embaixada de Bugara.

O lança-foguetes é levado para cima. O desgraçado do PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL DE BUGARA é arrancado da casa de banho e estatelado no chão enquanto o lança-foguetes ocupa o seu lugar.

FORÇA ESPECIAL — Vossa Excelência, devo informá-lo que o Secretário-Geral está no portão e exige falar consigo. Informei-o das instruções rígidas de Vossa Excelência em como não pode sair ou entrar ninguém...

KAMINI — O Secretário-Geral? Estás louco? Porque é que não o escoltou aqui imediatamente?

FORÇA ESPECIAL — Vossa Excelência, estávamos apenas a seguir as suas instruções.

KAMINI — Filho de um bastardo, traidor! Trá-lo cá ou acabo contigo aqui e agora.

FORÇA ESPECIAL — Farei isso imediatamente, Vossa Excelência.

KAMINI — Anda, vai. (*O FORÇA ESPECIAL corre para a porta.*) E se ele já se foi, dá um tiro em ti mesmo antes de voltares. (*Volta-se para os outros numa satisfação sinistra.*) Com que então ele regressou, hã? Agora ninguém pode dizer-me que isto não é solo de Bugara. Os deuses de Bugara trouxeram-no de volta ao local do crime.

GUNEMA — (*Tentando granjear a simpatia de KAMINI.*) *Amigo*, não pretendo disputar a honra, mas foi Benefacio Gunema que o trouxe de volta, através do vudu. Pensei que se o *funcionario* voltasse, nós, teus irmãos, poderíamos sair. Assim, penso que podemos ir, certo?

KAMINI — É melhor que todos permaneçam aqui — para vossa própria segurança. Conheço esta gente. Se saírem agora, far-vos-ão mal porque sabem que são amigos de Kamini.

KASCO — *Mon Dieu*, deixa que sejamos nós a julgar isso. É importante que estabeleça contacto imediato com o meu regente imperial.

KAMINI — Digo-vos que não é seguro. De qualquer forma, a esta hora já fecharam todos os aeroportos e cortaram todas as comunicações. Tenho a certeza que já bloquearam as estradas e têm ordem para disparar à vista. Mas estão seguros em Bugara. Marechal El-Haji Kamini garante pessoalmente a vossa segurança.

GUNEMA — Ei! *Es loco, no?* Maluco!

TUBOUM — Sssh! Sabes, devo felicitar-te camarada Marechal. Como é que conseguiste acumular tanta artilharia pesada aqui? Não tenho nada que se pareça em nenhuma das minhas embaixadas.

KAMINI — Ah, ah! Esqueces-te que apoio todos os revolucionários em todo o lado. Coloco armas em todas as minhas embaixadas para lutar contra os imperialistas. Já que perguntas, a minha mala diplomática anda sempre pesada.

TUBOUM — Admirável. Verdadeiramente admirável.

KASCO — (Para TUBOUM.) *Il est dangereux, non?*

GUNEMA — *Muy loco, muy loco.*

TUBOUM *faz um gesto a GUNEMA para que não fale tão alto. O SECRETÁRIO-GERAL é anunciado.*

KAMINI — (*Movimenta a arma em torno do SECRETÁRIO-GERAL.*) Com que então voltou, Sr. Funcionário Público de topo. Bem-vindo.

SECRETÁRIO-GERAL — Ouvi as notícias, Vossa Excelência. Achei que devia vir pessoalmente e oferecer os meus préstimos. Também para perguntar quais são os seus planos, se podemos fazer alguma coisa enquanto está aqui... Vossa Excelência, er... importa-se de virar isso para outro lado? Não estou habituado a armas.

KAMINI — Oferecer os seus préstimos? Pensa que Kamini é uma criança – afinal você e esses russos são farinha do mesmo saco, não é? Conspiram com os americanos contra mim.

SECRETÁRIO-GERAL — Vossa Excelência.

KAMINI — Querem guerra, vão ter guerra. Pensam que Kamini está acabado? Ah, ah! Kamini tem uma grande surpresa para vocês. Todos vocês juntos na mesma jogada. Veio perguntar-me o que poderia fazer por mim? Vou mostrar-lhe. Mexa-se. Para ali.

Junta o SECRETÁRIO-GERAL com os RUSSOS e os AMERICANOS a um canto.

SECRETÁRIO-GERAL — O que é que se passa? Isto é absurdo.

2ºRUSSO — É melhor fazer o que ele manda.

DELEGADO AMERICANO — Concordo com ele, Sr. Secretário-Geral.

KAMINI — Apostem a vossa vida em como fazem o que Kamini diz. Agora ouçam-me. Sei que não há Golpe de Estado nenhum no mundo que não tenha o apoio das superpotências. Ah, e como é que eu sei? Foram os britânicos e os americanos que me ajudaram com o meu Golpe de Estado. Mas eu expulsei-os, a eles e aos Zionistas. Depois disso, foi a Rússia que me ajudou o tempo todo. Até que se recusaram a dar-me a bomba atômica e eu fiquei muito zangado com eles.

Disse-lhes para regressarem a Moscovo. Minto? O vosso governo ficou zangado porque eu corri convosco de Bugara. Dei-vos setenta e duas horas para vocês fazerem as malas e deixarem a Embaixada em Bugara.

2º RUSSO — Mas isso foi um simples mal-entendido, Vossa Excelência. Foi tudo esclarecido e Vossa Excelência mudou de opinião.

KAMINI — Mudei de opinião, o diabo. Vocês é que mudaram de opinião. Planearam um Golpe de Estado, mas Kamini foi rápido. Juntei os vossos representantes e matei-os. Levei os chefes de quadrilha para as suas aldeias e enforquei-os lá, depois liquidei os

respetivos regimentos na prisão. Por isso é que vocês decidiram mudar de opinião e pedir tréguas. Mas estão só à espera de uma nova oportunidade.

SECRETÁRIO-GERAL — Se me permite interromper, Vossa Excelência, todo o mundo sabe que as Nações Unidas nunca se envolvem nos assuntos internos dos estados-membros.

KAMINI — Diga isso aos *marines*, não a Kamini. O que é que estava a fazer Dag Hammarskjöld no Congo quando Lumumba foi morto? Não estava a preparar um Golpe de Estado? Como é que ele mesmo foi morto se não estivesse a conspirar por todo o lado e a espionar usando um avião? Antes de si, Secretário-Geral, não foi? Todos fingem que são simples funcionários públicos, mas metem o nariz em assuntos que não lhes dizem respeito. Porque é que não sobe, Secretário-Geral? E veja o que encontra na janela da casa de banho. A menos que faça exatamente o que eu digo, vou começar a disparar um foguete a cada cinco minutos contra o edifício das Nações Unidas. Quanto a vocês, as duas superpotências, enviem mensagens urgentes aos vossos governos, digam-lhes para desfazerem o Golpe de Estado, enviem uma força internacional a Bugara para esmagar a rebelião, de outra

forma não sairão daqui vivos. Ninguém sai daqui vivo. Armadilhei tudo com bombas. Viajo sempre com o meu esquadrão da morte e eles acabam de assumir o controlo da Embaixada. Você, Sr. Funcionário Público, vai escrever ao Banco Mundial para trazer o empréstimo a Bugara diretamente aqui, em dinheiro vivo. Depois, escreve à Assembleia Geral para fazer passar uma moção condenando o Golpe de Estado. Consiga o apoio da China – a China também odeia o jogo das superpotências tanto quanto eu. Quero que as Nações Unidas reconheçam Kamini como Presidente vitalício. Como é que alguém derruba Kamini sendo Presidente-para-a-vida? Kamini está vivo e a ripostar. Mande uma mensagem à Assembleia Geral ou eu transformo aquele edifício em ruínas.

PROF. BATEY — *(Aproximando-se por trás.)* Pelo amor de Deus, Dr. Presidente...

KAMINI — *(Disfere uma pancada violenta no PROF. BATEY com as costas da mão que o faz cair ao chão.)* Aparece outra vez assim, sorrateiramente por trás de mim, e vais cheirar a coisa da tua mãe num instante. Vai para ali. Deves ser da CIA para apareceres assim por trás de um homem. Como é que eu sei se não vieste a Bugara para espionares para as superpotências?

E depois, apareces aqui hoje, como toda a gente. Todos aparecem aqui hoje, todos. Porquê? Porque todos vinham tirar-me do quartel-general de Bugara. Mas cometeram um erro. Kamini está bem preparado para todos vocês. Vocês nunca querem que um homem negro seja bem-sucedido, não querem a sua estátua nas Nações Unidas, não o querem como Secretário-Geral, não querem que ele se transforme numa superpotência e ficam com a bomba atômica para vocês...

Do exterior, ouve-se o barulho da multidão a reunir-se. De vez em quando, ouvem-se ordens gritadas ao megafone, tais como: “Movimentem-se para aqui”, “Mantenhm-se no passeio”, “Para o outro lado da estrada, por favor”, etc.

KAMINI — Quem são todas estas pessoas?

TUBOUM — Tanto quanto me parece, são manifestantes.

KAMINI — *(Sorriso alargado.)* Eu sabia. O meu povo levantou-se para defender a soberania de Bugara. *(Para o FORÇA ESPECIAL.)* Tu, vai lá dar uma olhadela e traz notícias. *(Sai o elemento da FORÇA ESPECIAL.)* Vamos mostrar-lhes o que é uma revolta

popular. *(Para os DELEGADOS AMERICANOS.)*
Talvez vejam uma revolução a ter lugar na vossa própria superpotência. Sim? É bom para vocês. Talvez Bugara se apodere do vosso país capitalista.

No entanto, os gritos que se ouvem da rua ficam mais claros e ouve-se “Rua, rua, rua Kamini, rua, rua, rua, Kamini!” intercalado com vozes gritando “Assassino”, “Carniceiro”, “Canibal”, etc. O som das sirenes dos carros da polícia que se aproximam junta-se à comoção.

FORÇA ESPECIAL — *(Entrando apressadamente.)*
Refugiados de Bugara, Vossa Excelência. Trazem cartazes de protesto por todo o lado.

KAMINI — Que disparate. Não há refugiados de Bugara. É propaganda organizada pelos países imperialistas.

FORÇA ESPECIAL — Vi alguns dos cartazes, Vossa Excelência. Um deles dizia “EXILADOS DE BUGARA A FAVOR DA LIBERDADE TOTAL”.

KAMINI — Cala-te. É mentira.

De repente, há estilhaços de vidro por todo o lado devido ao arremesso de um objeto pesado contra

uma janela na varanda, por pouco não acertando na metralhadora.

KAMINI — Estamos cercados. *(Grita.)* Fogo!

SECRETÁRIO-GERAL — Vossa Excelência!

De imediato, as armas em posição começam a disparar. KAMINI caminha a passo largo para a porta, abre-a e grita pelo corredor.

KAMINI — Fogo! Disparem! Disparem!

As armas e os lança-foguetes disparam por todo o lado, cujo barulho se mistura com o da explosão de granadas. Ouvem-se os gritos de uma multidão em retirada. Instintivamente, KASCO e TUBOUM deitam-se ao chão. TUBOUM consegue puxar GUNEMA para baixo, sacando da sua arma. KAMINI regressa à sala e aponta a arma aos reféns. Várias expressões de horror em rostos gelados de pânico. O ESCULTOR continua o seu trabalho, em câmara lenta. Cai o pano lentamente.

POSFÁCIO

| ROSA BRANCA FIGUEIREDO

(Página deixada propositadamente em branco)

Akinwande Ishola Oluwole Soyinka ou **Wole Soyinka**, como é conhecido, nasce no seio de uma família da tribo Yoruba em 1934 e cresce na cidade de Abeokuta (Nigéria Ocidental) perto do rio Ogun. Faz a sua instrução primária e secundária na cidade natal e em 1952 ingressa na Universidade de Ibadan; de lá transita para a Universidade de Leeds em Inglaterra, cujos estudos incluem um curso de drama orientado pelo famoso crítico shakespeariano G. Wilson Knight. Depois de se formar em Leeds em 1957, Soyinka passa 18 meses como “*play reader*” no Royal Court Theatre em Londres, onde estabelece contacto com a explosão do novo drama inglês do final dos anos 50 e as influências vanguardistas de Samuel Beckett e Bertolt Brecht.

Como dramaturgo e homem do teatro, a carreira de Soyinka só viria, porém, a ser efetivamente lançada aquando do seu regresso à Nigéria em 1960, ano da Independência, momento em que se dedicou com vigor e entusiasmo à vida política e cultural do seu país. Nesses primeiros anos da década de 60, Soyinka emergia como o “*enfant terrible*” da “nova” literatura pós-colonial africana, tornando-se rapidamente um enérgico polemista, visando não só políticos e oficiais corruptos, como também outros escritores e críticos.

Situar a escrita soyinkiana nessa escola de vigor literário, leva-nos a tecer algumas considerações sobre aspectos cruciais, tanto no que diz respeito às características distintivas da arte literária do autor como, a um nível mais abrangente, ao contexto histórico do séc. XX, no qual a sua escrita emerge, representativa de uma “outra” literatura de expressão inglesa. Impõe-se, por isso, desenhar o perfil biográfico do autor e aludir ao contexto socio-histórico em que se registaram as suas manifestações literárias, culturais e políticas.

Em 1960 iniciava-se a descolonização do continente africano e 16 países ganhavam a sua independência política dos poderes coloniais europeus. Durante os primeiros anos da carreira de Soyinka, como dramaturgo e professor universitário, mais países se foram afirmando como nações-estado independentes e, no final da década de 60, ficava claro que embora muitos países, principalmente no sul de África, ainda não tivessem conseguido a sua libertação do poder colonial, a era formal da colonização do continente negro pertencia definitivamente ao passado e seria substituída pelo, então ainda desconhecido, mundo da moderna pós-colonialidade africana. Como estudante, em Inglaterra, Soyinka atingia a maturidade política em

importantes círculos internacionalistas de estudantes, acadêmicos e escritores; revelava-se um adepto apaixonado das lutas anticoloniais e participava ativamente nos protestos que tiveram lugar na Europa, no final dos anos 50, contra o armamento das nações e a favor de um mundo livre do espectro nuclear.

Nos sete anos que se seguiram à declaração da Independência e a par de vários cargos acadêmicos em Universidades nigerianas, Soyinka fundou duas companhias de teatro: a primeira, *The 1960 Masks*, e depois *Orisun Theatre*. O objetivo era promover as suas próprias peças, bem como as de outros dramaturgos africanos, ao mesmo tempo que revitalizava o teatro nigeriano de expressão inglesa e criava fortes ligações entre os idiomas performativos tradicionais Yoruba (presentes nos festivais de máscaras e no teatro folclórico itinerante) e os modelos dialógicos do drama europeu. Foram anos de notáveis sucessos como escritor que incluíram a publicação de sete peças, um romance e um volume de poesia. Mas esses sete anos que separam a Independência da Nigéria da Guerra Civil no país foram também tempos de profundas crises políticas, envolvendo violência, intimidação e assassinatos. Soyinka teve um papel ativo

nas campanhas que a imprensa nigeriana empreendeu contra a censura, corrupção e repressão; usou a sua companhia de teatro para encenar as suas sátiras políticas em edifícios muitas vezes barricados; depois demitiu-se das séries radiofónicas *Broke-Time Bar* (em 1961) e da leccionação na Universidade de Ife (em 1962) quando a interferência política com os meios de comunicação e com a vida académica ameaçaram a liberdade de pensamento e de expressão. Um dos seus pontos altos como ativista político, escritor e intelectual, remonta ao seu envolvimento na Greve Geral convocada pelo Partido Trabalhista Nigeriano em 1964. Com a dimensão de um evento nacional, a greve quase levou ao colapso do primeiro regime civil após a independência, e desencadeou uma agitação popular, inequivocamente apoiada por Soyinka, com a intenção de instituir uma ordem social-democrata de inspiração trabalhista e depor o governo de Abubakar Tafawa Balewa. As atividades políticas do autor culminaram nas iniciativas de paz levadas a cabo em 1967 e na tentativa de criar uma Terceira Força (*“Third Force”*) que evitasse o conflito civil que se avizinhava. Daí resultou o decreto da sua prisão pelas forças federais e Soyinka permaneceu 26 meses

na prisão, 21 dos quais absolutamente incommunicável. É nesse período que escreve uma obra emblemática, *The Man Died*, as suas memórias de prisão.

Pouco depois da sua libertação em outubro de 1969, e com Gowon no poder, Soyinka exila-se voluntariamente no Gana, em Inglaterra e nos Estados Unidos, regressando apenas com a queda do regime em 1975. Enquanto exilado no Gana, utilizou a sua atividade como diretor editorial da revista *Transition* para atacar as ditaduras militares em África, particularmente a do General Idi Amin no Uganda, e no poema épico *Ogun Abibiman*, publicado em 1976, faz um apelo sério à luta armada contra o poder instituído na África do Sul. Imediatamente após a publicação da peça *Death and the King's Horseman* (1975) e da coletânea de ensaios *Myth, Literature and the African World* (1976), as atividades literárias e teatrais do dramaturgo tomam um rumo cada vez mais político e interventivo. Em 1978, depois de o governo militar recusar um pedido de permissão para a apresentação de *Opera Wonyosi* em Lagos, Soyinka formou um teatro de guerrilha (University of Ife Guerrilla Theatre Unit) e nos anos que se seguiram improvisou performances em mercados e parques de camiões, expondo

e denunciando os massacres que caracterizaram a segunda República Nigeriana (1979-83). Durante este período e até 1985, Soyinka foi professor de Literatura Comparada e Artes Dramáticas na Universidade de Ife e Professor Convidado em Yale e na Universidade de Gana. Para além do seu génio criativo, a natureza persistente e inexorável do seu ativismo político, na luta pela proteção dos direitos democráticos e valores igualitários, colocavam Soyinka ao nível de outros escritores ativistas como Ngugi wa Thiong'o, Mongo Beti e Nawal el Saadawi, reforçando a sua reputação como um dos mais vigorosos defensores dos direitos humanos e o oponente mais consistente e aguerrido das sucessivas ditaduras que assolavam o continente africano. Em 1986 a sua (já longa) carreira literária era coroada com o Prémio Nobel da Literatura: "Wole Soyinka is a playwright and poet who in a wide cultural perspective and poetic overtones fashions the drama of existence." [Biodun Jeyifo (edit.) (2001). *Conversations with Wole Soyinka* (intro). Jackson: University Press of Mississippi].

Foi assim que a Academia Sueca apresentou Soyinka em outubro daquele ano. Desta forma, afirmavam-se os valores literários, éticos e sociais dos

textos do autor publicados antes da atribuição do prémio, comentário que nos parece igualmente válido e verdadeiro se aferido às obras posteriores a essa data. Wole Soyinka era galardoado num reconhecimento óbvio da sua estatura internacional como escritor e da sua eterna dedicação à causa da justiça, acreditando sempre que a escrita está inexoravelmente ligada ao esforço para criar uma sociedade justa e democrática numa África pós-colonial.

A combinação que se efetua na carreira do autor, entre o risco político e a propensão para os jogos artísticos, revela uma convergência de radicalismos – estéticos e políticos – que não se encontra em muitos escritores africanos, muito menos no contexto de uma África pós-colonial, onde os caminhos da inovação estética e do radicalismo político raramente convergem. No que diz respeito à escrita soyinkiana, existe concretamente uma bifurcação implícita, porém subtil, na avaliação das suas obras, em África e no resto do mundo de expressão inglesa, nas últimas cinco décadas.

Todos estes aspetos – a articulação entre arte e política, especialmente no enquadramento dos vanguardismos históricos que se afirmam um pouco por todo o mundo e dos problemas que se colocam ao

público (leitor e espectador) no que concerne as obras esteticamente radicais – têm obcecado Wole Soyinka desde o início da sua carreira a um nível sem paralelo nas literaturas anglófonas pós-coloniais. E é justamente no alcance da ocorrência de paradigmas e imagens de um não-conformismo radical, tanto na sua escrita como no ativismo político que desenvolve, que as marcas dessa obsessão se tornam visíveis. Ainda mais revelador desta estrutura de escrita é a atitude que o autor tem em relação à linguagem, ou seja, a forma como dimensiona as contradições e os limites de uma língua anglófona literária, no contexto de uma tradição pós-colonial africana. Linguagem e significado excedem em importância, nos trabalhos mais ambiciosos do autor, função e referente – dependendo, perturbadoramente, das predisposições e sensibilidades do leitor/espectador e/ou crítico.

Ao analisar a produção textual de Soyinka, chegamos a dois paradigmas fundamentais através dos quais o autor tenta negociar as tensões próprias da versatilidade da sua escrita. Em primeiro lugar, o paradigma de um “eu” representativo, complexo e subconsciente, cuja autoridade e originalidade se validam no recurso aos recessos de uma memória coletiva, codificada

em mitos, rituais e outras matrizes culturais. É aqui que reside a base textual e ideológica da grande preocupação do dramaturgo com a vitalidade de uma modernidade cultural e literária africana. O segundo paradigma leva-nos a um “eu” mais universal que coloca a sua identidade na infinita cadeia da significação e polissemia da linguagem, especialmente quando joga, simultaneamente, com imagens e expressões idiomáticas nas línguas inglesa e yoruba. Este paradigma, em particular, conduz a uma compreensão mais abrangente e sofisticada do uso, por vezes, elíptico e esotérico que Soyinka faz da linguagem; e é também através dele que compreendemos a relação íntima, porém profundamente ambivalente, que o autor estabelece com importantes formações do modernismo e vanguardismo europeus. A justaposição de ambos os paradigmas permite a Soyinka combater em várias frentes simultaneamente: construir estratégias poderosas para confrontar a violência das realidades sociais e as carências dos grupos mais oprimidos e marginalizados duma África neocolonial; distanciar-se de forma crítica da sua profunda imersão no *milieu* social e cultural africano; e, finalmente, inventar e refinar um *eu* idealizado que se confronta com várias preocupações de forma e conteúdo.

No entanto, Wole Soyinka permanece até ao final dos anos 60 um autor mais ou menos descomprometido com a causa política nigeriana; quando sob a pressão da guerra civil e o desassossego social provocado pelo *boom* petrolífero, resolve envolver-se, gradualmente, com as questões sociais do seu país ao ponto de um feroz ativismo político. Porém, como dramaturgo está dividido entre a procura dos valores eternos (o objetivo último da sua escrita desde sempre) e uma nova ação participativa direta na vida política da nação. E se os críticos questionam esta atitude do autor, a nova geração de dramaturgos das universidades de Ife e Ibadan acolhe, sem hesitação, o seu envolvimento político, acreditando ser este capaz de ajudar as massas nigerianas a construir uma sociedade melhor, uma “sociedade alternativa”. Acresce referir que esta nova geração considerava o drama uma arma revolucionária cuja eficácia assumiam como certa.

Com efeito, Soyinka muda o seu percurso de pensamento após a Guerra Civil nigeriana, e a sensibilidade independente que defendia ser a integridade do artista transforma-se, em 1980, num envolvimento político direto em que declara ser a favor de um comprometimento com as massas. Enquanto isso, a nova

geração de dramaturgos, classificada de “*Ife-Ibadan revolutionary playwrights*” defendia um compromisso total com a causa política, assumia-se de esquerda e inspirava-se na doutrina marxista-leninista, em Herbert Marcuse e em Frantz Fanon. No âmbito teatral, os modelos que seguiam eram os do teatro de ação direta de Edwin Piscator, o teatro “épico” de Bertolt Brecht e, naturalmente, o drama de Wole Soyinka, expondo nos prefácios das suas peças as ideias claras que cultivavam sobre o sentido de revolução. A luta revolucionária, na qual se esperava que o drama e o teatro tivessem parte ativa, envolvia a completa destruição de todos os vestígios do passado que ainda barravam o caminho do progresso, todos os “monstros” que ainda desfilavam no presente, todas as sombras que ainda pairavam no horizonte.

O sentimento de que os ditadores tinham de ser depostos e o povo libertado da opressão, ainda que para isso tivesse de se recorrer a atos subversivos, encontrava-se, de alguma forma, a par da atitude literária da nova geração de dramaturgos nigerianos que optou por construir nas suas obras criativas a tal “sociedade alternativa”. De facto, esta é a tarefa com a qual se deparavam os defensores das mudanças radicais

numa África que ainda se submetia aos interesses externos, apesar de teoricamente independente. Nesta linha, os “apóstolos” da mudança consideravam o drama e o teatro como um ato de comprometimento político ao serviço de uma revolução.

O autor nigeriano foi, sem dúvida, um dos que conseguiu perceber a dimensão negativa das atitudes grotescas e das pretensões de Idi Amin do Uganda a uma liderança revolucionária em África e, de 1975 em diante, encetou uma campanha determinada na imprensa africana contra o ditador, denunciando o seu reino de terror e acusando os governos e intelectuais africanos e ocidentais de cultivarem uma indiferença conveniente perante as histórias perversas que iam emergindo naquele país. Na peça *Gigantes em Cena* (*A Play of Giants*), as forças ocidentais são representadas pela jornalista escandinava Gudrum (devota do ditador devido a um qualquer conceito de pureza racial, romanticamente distorcido) e pelo académico afro-americano Professor Batey que, por deslocadas questões de lealdade para com a sua raça negra ou pan-africanismo, admite como modelo um assassino de massas para emulação do mundo africano.

A perspectiva da “disseminada” natureza do poder, à qual Michel Foucault e Vaclav Havel dedicaram

portentosas formulações teóricas no contexto moderno europeu, está na base da ação dramática de *Gigantes em Cena*, no retrato que apresenta de quatro dos mais odiosos ditadores africanos na era pós-independência: Idi Dada Amin do Uganda, Jean-Bedel Bokassa da República da África Central, Teodoro Obiang Nguema Mbasogo da Guiné Equatorial e Joseph Mobutu do Zaire.

Grande parte da ação dramática de *Gigantes em Cena* envolve um quadro estático no qual os “gigantes” do título, Kamini, Gunema, Kasko e Tuboum – representações levemente disfarçadas de, respectivamente, Idi Amin, Macias Nguema, Jean-Bedel Bokassa e Mobutu – falam e se exibem como encarnações de um poder que se afirma como total.

Tanto o prefácio quanto a peça deixam claro que Kamini e os seus amigos, bem como as figuras reais que representam, constituem os produtos pós-coloniais das superpotências do ocidente. Kamini, por exemplo, é colocado no poder pelos britânicos, financiado pelos americanos, militarmente armado pelos soviéticos e, no final, abandonado por todos, quando os serviços de um ditador insano já não lhes é conveniente. *Gigantes em Cena* constitui uma fantasia

surreal de justiça poética internacional em que os sistemas de apoio económico e político dos governos ocidentais respondem, a seu tempo, a seu belo prazer e de forma catastrófica, aos monstros que eles próprios criaram e sobre os quais, conseqüentemente, perderam o controlo: as armas que a União Soviética forneceu vão ser testadas contra as suas próprias delegações e o horror alberga-se em solo americano. Numa entrevista concedida a Art Borreca, Soyinka fala sobre as suas personagens grotescas e explica: “I’d rather kill them, but I acknowledge my impotence. All I can do is make fun of them” [Art Borreca (1985). “‘Idi Amin was the supreme actor’: An interview with Wole Soyinka”, *Theater*, 16 (2): 32-37]. O tipo de troça é horrendo e as personagens são tão mais terríficas precisamente porque os modelos históricos reais começaram por ser meras figuras cómicas e ridículas. Soyinka refere, na mesma entrevista, que *Gigantes em Cena* não pretendia ser uma peça realista e que os seus “gigantes” eram artificiais, puras construções dotadas de maior inteligência, introspeção e eloquência do que os seus originais (*Ibid.*: 36-37). Soyinka adianta, ainda, que todos os esboços da galeria de *Gigantes em Cena* constituem “excelentes

personalidades teatrais” e expressou a esperança de que a peça pudesse levantar questões intelectuais e filosóficas pertinentes sobre o poder (*Ibid.*: 36).

Pela primeira vez, uma peça de Soyinka não incluía música, nem dança, nem mímica ou qualquer outro elemento do teatro popular. À medida que o tom amargo e satírico tomou conta da obra dramática do autor e se tornou a sua resposta a uma crise política em África, a textura riquíssima do drama soyinkiano perdeu alguma cor e brilho. Nesta peça, Soyinka consegue reunir num só local todos os infames ditadores de África. O Secretário-Geral das Nações Unidas e dois delegados, da Rússia e da América, constituem as outras personalidades que dão à peça *Gigantes em Cena* o tom internacional. O pretexto para tal encontro parece ser uma reunião das Nações Unidas. À medida que a peça se desenrola, assistimos ao papel que as superpotências desempenham na sustentação dos ditadores no poder e, simultaneamente, à verdadeira natureza destes ditadores africanos – as suas confusões, as perversões sexuais, os conceitos errados que têm do poder e respetivas complexidades.

Quando o drama se inicia, Kamini, Kasco e Gunema encontram-se sentados em cadeiras-trono

compondo uma imagem de grotescas figuras humanas. Tuboum (Mobutu) aparece mais tarde, vestido com pele de animal, simbolicamente reforçando a bestialidade da sua personalidade. Soyinka apresenta-os ao público tal como se apresentam animais de circo, o que obviamente lhes retira a honra e a dignidade normalmente associada aos tronos. Mas enquanto o egoísmo dos ditadores permanece o mesmo, do princípio ao fim da peça, a forma de o dramaturgo os expor e denunciar vai mudando. Kamini, a personagem central, pretende apresentar nas Nações Unidas uma estátua de si em tamanho real, em resposta a um pedido da organização que pretendia uma obra de arte representativa da sua cultura. É óbvio que o ditador não tem qualquer conhecimento de arte, não domina as questões políticas internacionais nem conhece os fenómenos económicos que governam o mundo e, por isso, quando o Banco Mundial lhe recusa um empréstimo com base na falta de cumprimento com empréstimos anteriores, Kamini ordena ao presidente do seu banco que regresse a Bugara e simplesmente imprima mais dinheiro.

Na prepotência que o poder lhe confere, Kamini dispõe do seu país como se da sua propriedade privada se tratasse e jura vender Bugara, o país imaginário

descrito como sendo a pátria de Kamini, a quem lhe der “duzentos milhões de dólares”. Com este tipo de atitude, Kamini vai empobrecendo a nação, deixando-a num caos administrativo: o embaixador e os ministros de gabinete fogem, *faxes* e telefones são confiscados por falta de pagamento de contas e muitos lugares administrativos na embaixada permanecem vagos por falta de verba.

No decorrer da ação da peça, os quatro ditadores descrevem as suas operações de morte à medida que posam para um escultor. Os pormenores das descrições revelam as motivações dos ditadores e ilustram a intensidade da sua brutalidade e das performances de poder que conduziram a uma indescritível crueldade. Soyinka assinala o seu tropo teatral logo no título da peça que envolve um *double entendre* na alusão, por um lado, da jornalista escandinava na peça, Gudrum, ao livro que diz estar a escrever sobre Kamini, intitulado *O Gigante Negro em Ação* (*The Black Giant at Play*) e, por outro, ao próprio texto de Soyinka que retrata Kamini e os outros “super-homens” como reclamando um poder para o qual “fabricaram” um guião virtual que representam – acumulando, simultaneamente, os papéis de autor, ator e público.

A manobra tropológica de Soyinka consiste no facto de ter colocado os quatro “gigantes” numa embaixada em Nova Iorque, frente à sede das Nações Unidas. O espaço é propositadamente contido para criar efeito dramático. A ocasião é uma sessão das Nações Unidas para a qual o Secretário-Geral convidou todas as nações a contribuírem com um artefacto, culturalmente simbólico, para ser exposto na galeria internacional; Kamini pretende, como referimos, contribuir com uma escultura do seu corpo inteiro. O dramaturgo admite a possibilidade de causar no público tensões visuais, mentais e emocionais à medida que os quatro ditadores são expostos em palco, afirmando o seu poder e evocando, em narrativas extravagantes, outros ditadores que lhes servem de modelo de inspiração: Kamini, por exemplo, reclama Adolf Hitler como o seu herói; Gunema pretende imitar a figura de François (Papa Doc) Duvalier; e Kasco assinala a admiração por De Gaule, Robespierre e Napoleão Bonaparte. O encontro dos ditadores, num mesmo espaço físico, permite ao dramaturgo centrar a sua atenção nos “heróis do nosso tempo”, como o próprio refere na introdução à peça. Amin declarara em várias ocasiões – e à medida que as execuções

públicas, as mutilações dos oponentes, as excêntricas decisões políticas e económicas se tornavam rotina – que ele era o herói de África.

Assim, o foco de Soyinka incide sobre os três “Irmãos, Excelências” que posam para uma estátua a ser colocada na Galeria das Nações Unidas. Quando a peça se inicia, a escultura está quase pronta e todos continuam sentados nas suas cadeiras-trono, ao cimo de uma imponente escadaria em pedra:

Três figuras sentadas em pesadas cadeiras-trono no cimo de uma ampla e imponente escadaria em pedra. Por trás, em forma de arco, uma galeria, cheia de retratos emoldurados, o que constitui o balcão do andar superior, de janelas com vista para um parque, em frente ao qual se vislumbra a silhueta de um arranha-céus, o edifício das Nações Unidas.

O corrimão da varanda é opulento, banhado a ouro. Uma das figuras, um homem corpulento (KAMINI) veste um uniforme militar, com a lapela cravada de medalhas. De um dos lados, uma criatura, comparativamente franzina (KASCO) que parece ser uma paródia deliberada do homem corpulento. O seu uniforme é igual, assim como as medalhas que

carrega. Acresce, no entanto, o uso de uma capa na cor roxo imperial. Do outro lado da figura central encontra-se um homem alto e magro (GUNEMA) num fato de corte impecável. Os seus adereços consistem simplesmente numa faixa vermelha e numa roseta, à qual se junta uma medalha.

GUDRUM, uma mulher do tipo nórdico, robusta e corada de aspeto repulsivo, está sentada a meio da escadaria, olhando idolatradamente para KAMINI. De vez em quando inspeciona com o olhar o trabalho em curso do ESCULTOR.

O andar inferior representa um átrio transformado em estúdio. Um ESCULTOR esculpe uma escultura de tamanho real dos três “homens coroados”, com os quais não se percebe qualquer semelhança. Quando qualquer uma das três figuras fala, fá-lo de forma rígida, num esforço para não comprometer a sua pose. O primeiro quadro é apresentado em silêncio, sendo que o ESCULTOR vai colocando ou raspando pasta de cimento aqui e ali.

Estamos perante um eixo horizontal que revela três tipos de participantes: (1) os modelos; (2) a jornalista Gudrum e (3) o escultor. O eixo vertical estabelece, por

sua vez, uma hierarquia entre as figuras. Os três chefes de estado estão no topo da pirâmide: os uniformes e as condecorações que envergam representam os papéis que já desempenharam ou que são objeto do seu desejo. Kamini é a personagem que carrega mais medalhas, remetendo diretamente para Idi Amin que se atribuía a si mesmo títulos honoríficos como “Victoria Cross, the Distinguished Service Order, the Military Cross, Field Marshall, Doctor of Law, Conqueror of the British Empire”. Logo a seguir, na cadeia de hierarquia, encontramos a jornalista, que ocupa uma posição intermediária, projetando o que Soyinka chama na introdução à peça “o poder por delegação” (“the vicarious power”). Na base da pirâmide está o escultor, uma das personagens que será torturada no decurso da peça. O quadro de hierarquia apresentado é uma projeção efetiva dos três grupos principais em que todas as outras personagens são inseridas. Desta forma, Soyinka apresenta o poder despótico e as atrocidades que este engendra de forma mímica num ambiente de mímica. Nos discursos e nos gestos, os ditadores emergem, alternadamente, nos papéis de ator e de público.

Os ditadores na peça de Soyinka não são o tipo de personagens trágicas que encontramos, por exemplo, no

drama político de Shakespeare, mas apresentam-se, assim mesmo, como seres humanos que sentem medo e culpa. O primeiro sentimento de temor prende-se com o facto de se sentirem permanentemente ameaçados por algum golpe de estado que os deponha do poder e Soyinka mostra-nos como cada um destes “super-homens” se afirma como um canibal selvagem na luta pela sua própria sobrevivência. Assim, as virtudes humanas não encontram lugar neste esquema de coisas. Durante as conversas “fraternas”, que os ditadores vão tendo ao longo da peça, revelam verdadeiros massacres de pessoas inocentes. Barra Tuboum, por exemplo, relata a dizimação do o seu próprio povo:

TUBOUM – [...] Os meus leopardos eram maus e duros. Eu conduzia-os por entre o rio Butelewa como uma lança afiada. Abatemo-nos sobre a fortaleza dos rebeldes ao amanhecer; eles estavam saciados pela pilhagem e pela violação de mulheres, mas ainda assim ferozes e selvagens. Os reféns? O que espera uma freira depois de ser violada? Muitos dos rebeldes caíram perante nós, tinham-se tornado covardes, escondendo-se atrás dos hábitos das freiras que haviam profanado. [...] Na sua confusão já não distinguiam amigo

de inimigo. Identificávamo-los pela sua própria voz. *Qui va là?* Gritava um, e os meus canhões respondiam “Bum bum, Tuboum”. *Qui va là?* Ouvia-se repetidamente. “Bum, bum, Tuboum. Bum, bum, Tuboum”. Até que por fim, cobertos de pedra e sangue, começaram a render-se.

Naturalmente, existe um limite para aquilo que o teatro pode mostrar em termos visuais, e Soyinka recorre, por isso, aos efeitos sonoros por forma a aumentar o efeito dramático. “Boom, boom, Tuboum” ecoa não só os canhões como revela, em primeiro plano, a bestialidade de Barra Tuboum.

Soyinka recorre igualmente a episódios reais, cujos relatos recolheu dos jornais, apresentando os elementos trágicos das histórias de forma totalmente desligada do enredo central da peça (isto porque a estrutura episódica de *Gigantes em Cena* lhe confere o tempo e o espaço para o fazer). Na vida real, um homem inocente é preso sob acusações duvidosas e sentenciado à morte; a esposa implora pela vida do marido e é usada para satisfazer a luxúria sexual do ditador; no final, marido e esposa são assassinados sem misericórdia.

O dramaturgo ritualiza a morte e a tortura nos seus dramas para apresentar, de forma vívida, as tendências canibalescas dos seus ditadores, como, de resto, já o fizera noutras peças como *Madmen and Specialists*. Em *Gigantes em Cena* são vários os exemplos: o escultor é espancado, fora de cena, e apenas ouvimos os seus gritos, mas o destino do Presidente do Banco de Bugara consegue ser pior: a sua cabeça é persistentemente mergulhada numa sanita, antes e depois de ser usada por Kamini. O episódio, desagradavelmente prolongado, transforma em epítome as muitas formas degradantes através das quais pessoas inocentes foram punidas e mortas no Uganda de Idi Amin. Soyinka acusa os políticos e os jornalistas, não só da Nigéria, mas de todo o mundo, como sendo os responsáveis por atos desta natureza e entende que Amin, Bokassa, Nguema e Mobutu não se teriam revelado tão invencíveis não fora o apoio das superpotências globais. Efetivamente, *Gigantes em Cena* mostra como governos estrangeiros usaram os ditadores em África como marionetas para servir os seus interesses políticos e económicos e fazer as suas guerras ideológicas no continente africano. Enquanto os britânicos sustentavam Kamini no poder, os americanos providenciavam

apoio financeiro e os russos forneciam armas de guerra letais e treinavam as forças de segurança. As estratégias manipuladoras dos poderes mundiais começam por ser evidentes quando nem os americanos nem os russos se opõem à ideia de instalar a estátua de Kamini no edifício das Nações Unidas, na condição de as estátuas dos respetivos heróis nacionais, George Washington e Lenin, serem também expostas. Num momento particularmente dramático da peça, Soyinka faz um oficial russo confessar a culpa da sua nação ao reconhecer ter havido uma espécie de acordo tácito com a Inglaterra e os Estados Unidos para manter Amin no poder.

O facto de as ambições dos ditadores acabarem, no final, por ameaçar as suas próprias existências, pode ser visto como um elemento de justiça poética nas sátiras políticas de Soyinka. Em *Kongi's Harvest*, por exemplo, o ditador epónimo não consegue tornar-se no espírito da colheita, como tanto desejou; Penteu, em *The Bacchae of Euripides*, é dilacerado; e a demanda de Dr. Bero, em *Madmen and Specialists*, não é bem-sucedida. De igual modo, Kamini não consegue o empréstimo que tanto precisa nem o lugar para a sua estátua, nem sequer a oportunidade de se dirigir à assembleia das Nações Unidas. Kamini não

consegue, afinal, viver pacificamente porque a violência é um processo que se auto perpetua: o ditador chegou ao poder e lá permaneceu derramando sangue; a sua expulsão vai, naturalmente, exigir o mesmo. Para o testar está o Golpe de Estado, que acontece em Bugara, e que derruba Kamini ainda no decorrer da ação da peça. A embaixada de Bugara, que servira de estúdio no início da ação, transforma-se numa prisão e finalmente numa fortaleza e campo de batalha, simbolizando o estado do povo de Bugara sob o regime de Kamini. A morte e a devastação constituem, efetivamente, as consequências de tais rituais modernos. Por outro lado, porém, Soyinka dessacraliza o poder ao dramatizar a progressiva perda de controlo por parte de Kamini, à medida que alguns dos seus homens de confiança desertam ou revogam as suas ordens e enquanto as instituições multilaterais como o FMI e o Banco Central reduzem os apoios monetários e diplomáticos que favoreciam o enaltecimento grandioso e alucinado do ditador. A peça termina numa atmosfera de apocalipse explosivo: Kamini mantém reféns os outros “gigantes” bem como os representantes das duas superpotências (Estados Unidos da América e União Soviética), ao mesmo tempo que maneja, pessoalmente, o

material bélico que se encontra na embaixada e com o qual pretende atacar a sede das Nações Unidas, mesmo em frente. O elemento da parábola dramática, neste desfecho fantasmagórico, é incontornável e intrincado. Soyinka parece sugerir que a ordem, o civismo e a legalidade constituem, muitas vezes, as fachadas convenientes para uma fundamental e impaciente capitulação às seduções do poder, e ao cair das máscaras segue-se, rapidamente, o terror arbitrário e a violência.

A última cena da peça é, de facto, sugestiva: ao saber do Golpe de Estado que o derruba, Kamini reage violentamente, ordenando à sua força especial que bombardeie o edifício das Nações Unidas. Um ditador, sem relevância de maior, não consegue certamente bombardear a sede das Nações Unidas situada no coração da cidade de Nova Iorque; a cena pretende, apenas, dramatizar a fúria do dramaturgo contra uma instituição de farsa que se movimenta ao ritmo ditado pelas superpotências. Assim, a peça situa o poder político africano no contexto global da política de Guerra Fria no qual muitos regimes foram usados como peões, por vezes voluntários, numa agenda que não favorecia o bem-estar dos povos e na qual ditadores amorais como Idi Amin se sentiam apoiados pelas potências mundiais

como a Grã-Bretanha, os Estados Unidos da América e a Rússia, bem como pela própria Organização da Unidade Africana. Ao permitir, em *Gigantes em Cena*, que este tipo de ditador destrua o edifício das Nações Unidas, mesmo que num cenário irrealista, Soyinka chama a atenção para o facto de tais líderes serem capazes de causar grandes transtornos na cena política internacional. Contudo, não só os governos ocidentais são responsáveis pela manutenção dos ditadores africanos no poder, mas também algumas fações da classe intelectual, representada na peça por Gudrum, a jornalista escandinava, biógrafa de Kamini, e descrita pelo próprio como sendo uma grande amiga dos líderes africanos.

Gudrum simboliza o apoio internacional, não-institucional, dado aos ditadores africanos e, no seu caso particular, a admiração que sente por Kamini é baseada numa certa valorização primitiva de um moderno “nobre selvagem”, amoral e nunca constrangido por quaisquer normas de comportamento social. Igualmente significativo é o facto de Soyinka incluir entre os apoiantes da personagem Kamini, o Professor afro-americano Batey, para quem o ditador constitui um paradigma da autenticidade africana, uma alusão propagada pelo antigo presidente do Zaire, Mobutu

Sese Seko, para criar uma forma de negritude que reclamava como autêntica. Para Mobutu, o carimbo de autenticidade constituiu uma tentativa para enrincheirar e legitimar o seu poder através da linguagem da tradição, rejeitando qualquer crítica ao seu regime, perspectivada a partir dos princípios modernos da democracia, que considerava como de alienação cultural. Tal manipulação dos costumes e tradição de um povo foram usadas por outros ditadores como, por exemplo, o antigo presidente do Malawi, Hastings Banda. As asserções de autenticidade africana por parte dos ditadores ameaçavam tornar-se radicais e levar a uma preocupante validação das relações opressivas inter-raciais. Assim, à semelhança da personagem Gudrum, a admiração do professor Batey por Kamini leva-o a escrever um livro sobre o ditador intitulado *The Black Giant at Work*, apresentando a figura como símbolo do poder negro.

A peça termina com Kamini ainda vivo, mas destituído do poder. O escultor que dava forma à estátua do ditador aparece sob as luzes do palco que se vão lentamente apagando e representa o artista que, enfrentando as ameaças à sua própria vida, protesta contra a opressão e regista os acontecimentos para a

História. Dessa forma, *Gigantes em Cena* discute a temática de referência para o povo africano e as personagens que representam personalidades vivas eliminam a linha ténue que separa os factos da ficção, a realidade da arte. Para isso Soyinka recorreu aos mecanismos teatrais de um teatro de guerrilha: terror e tortura em palco. O leitor/espectador não africano que não conheça, à partida, as realidades sociais e políticas em África, nem sempre conseguirá distinguir a paródia da mimese. Ao contrário de um teatro de entretenimento que tende a distanciar-se da realidade, o teatro político vai em busca de pessoas reais para melhor veicular a sua mensagem. Nesta peça, a preocupação básica do dramaturgo é com a comunicação direta com o povo, com o impacto que pode causar nos espectadores. O uso de nomes verdadeiros de personalidades históricas torna-se essencial na experiência do teatro político; e isto porque os próprios políticos, uma vez atingida a popularidade, criam uma imagem pública quase sagrada e vivem num mundo protegido. O homem comum acaba por vê-los como semideuses e recusa, frequentemente, que o seu sistema de crença seja desestabilizado. Só um processo de desmistificação – expondo a verdadeira natureza dos políticos –

pode alertar o cidadão comum. As sátiras políticas de Soyinka contribuem, efetivamente, para esse acordar social e o dramaturgo deixa bem claro nesta obra que o que está em jogo numa ditadura é muito mais do que a violação dos direitos humanos: é a sobrevivência das próprias instituições públicas que, uma vez associadas à figura do ditador, se desintegram quando o regime cai. Em suma, é a ideia da ditadura enquanto apropriação individual do tempo e do espaço públicos que Soyinka dramatiza nesta sátira.

Porém, na representação de atrocidades e violações colocam-se duas questões extremamente pertinentes ao dramaturgo: em primeiro lugar, como transmitir o profundo impacto e as implicações dos atos dos ditadores sem sucumbir ao sensacionalismo? Em segundo, como provocar uma resposta efetiva do público, emocional ou intelectual, sem causar repulsa?

Na segunda metade do século XX, o continente africano assistiu à recorrência de atrocidades perpetradas por governantes corruptos e sem escrúpulos: Idi Amin no Uganda, Mobutu Sese Seko no Zaire, Macias Nguema na Guiné Equatorial, o Imperador Bedel Bokassa na República da África Central, o Sargento Samuel Doe na Libéria, o General Siad Barre na

Somália, Juvenal Habyarimana no Ruanda, Hissene Habré no Chad, o General Sanni Abacha na Nigéria, etc. De outras partes do mundo destacam-se, ainda, Augusto Pinochet no Chile, Nicolae Ceausescu na Roménia e Slobodan Milosevic na Jugoslávia. As brutalidades de Idi Amin do Uganda têm sido particularmente exploradas pela literatura naquilo que parece indicar a extrema dificuldade em se virar a página de uma era de massacres e torturas. Wole Soyinka contribuiu para a representação dessa era com a peça *Gigantes em Cena* (1984) e a questão é abordada de forma a sugerir a existência, por parte dos megalomaníacos, de uma propensão para desejarem o papel central num mundo que tratam como se fora teatro e onde pretendem explorar o seu público, simultaneamente, com uma associação e um distanciamento estratégicos.

(Página deixada propositadamente em branco)

Este Livro foi composto com caracteres Bauer Bodoni,
tipo desenhado por Henrich Joss em 1926. Foram também
utilizados caracteres Roboto (Google, Christian Robertson, 2012)

Contribuição caligráfica de

Beatriz Bizarro Rodrigues e de Isabel Abreu.

Este livro não segue as regras do Acordo Ortográfico.

Impresso em Coral Book Creme, de 110 grs.



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Laboratório
de Investigação
e Práticas Artísticas





coleção
dramaturgia



UNIVERSIDADE D
COIMBRA